



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Campus Presidente Prudente

SARAH GRACIELLE TEIXEIRA SILVA

**UM ESTUDO DE DISSERTAÇÕES E TESES A RESPEITO DE BIBLIOTECA
ESCOLAR E MEDIAÇÃO DE LEITURA REALIZADAS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA - UNESP**

Presidente Prudente – SP

2021

SARAH GRACIELLE TEIXEIRA SILVA

**UM ESTUDO DE DISSERTAÇÕES E TESES A RESPEITO DE BIBLIOTECA
ESCOLAR E MEDIAÇÃO DE LEITURA REALIZADAS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA - UNESP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao conselho do curso de graduação em Pedagogia da faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, campus Presidente Prudente- SP, para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Berta Lúcia Tagliari Feba

Presidente Prudente – SP

2021

S586e	<p>Silva, Sarah Gracielle Teixeira</p> <p>Um estudo de dissertações e teses a respeito de biblioteca escolar e mediação de leitura realizadas na Universidade Estadual Paulista – UNESP / Sarah Gracielle Teixeira Silva. -- Presidente Prudente, 2021 97 p.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente</p> <p>Orientadora: Berta Lúcia Tagliari Feba</p> <p>1. Biblioteca escolar. 2. Mediação de leitura. 3. Plataforma C@tedra. I. Título.</p>
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

SARAH GRACIELLE TEIXEIRA SILVA

**UM ESTUDO DE DISSERTAÇÕES E TESES A RESPEITO DE BIBLIOTECA
ESCOLAR E MEDIAÇÃO DE LEITURA REALIZADAS NA UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA – UNESP**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao conselho do curso de graduação em Pedagogia da faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP, campus Presidente Prudente- SP, para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Berta Lúcia Tagliari Feba

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Berta Lúcia Tagliari Feba (Videoconferência)

Docente da Faculdade de Tecnologia de Presidente Prudente

Profa. Dra. Renata Junqueira de Souza (Videoconferência)

Departamento de Educação/ Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP/ Campus de Presidente Prudente

Prof. Dr. Fernando Teixeira Luiz (Videoconferência)

Docente da Universidade do Oeste Paulista/ Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente - FACL

Dedico esse trabalho de conclusão de curso à minha mãe Arlinda Maria Teixeira Ribeiro (*in memoriam*) que permanece viva em cada momento da minha vida. Fez parte de tudo que aprendi até agora e com certeza continuará me dando força e sabedoria na minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que tem me dado força, sabedoria, bênçãos e proteção todos os dias da minha vida.

Em segundo lugar a essa pessoa que escreve, pois, desde que entrou nessa Universidade, determinou como objetivo buscar todo o conhecimento possível, não só com o conteúdo, mas principalmente com as relações que iria construir. Posso afirmar que depois desses quatro anos, todos os dias me torno minha melhor versão, me amo, me admiro enquanto mulher preta, me reconheço enquanto uma guerreira que carrega muito conhecimento de muita batalha vencida e perdida, sentindo-me pronta para as próximas que vierem.

Agradeço a minha família, configurada pela minha avó Maria Cândida, minha tia Elza, meu tio Gilmar, minha tia Roseli e meus primos: Gustavo, Isabelly e Thays. Cada qual da sua maneira me deu sustento, proteção, amor, torcida, compreensão, carinho, cuidado e a certeza que não importa o que aconteça sempre poderei contar com todos eles.

A minha cachorra Lara que mesmo não tendo ideia que está nessa escrita, me consolou quando estava triste, me animou quando precisava de alegria e suportou esses quatro anos de ausência de sua dona quando não podia lhe dar atenção pois tinha “alguma coisa de faculdade para fazer”.

A dupla Renan e Amanda que estiveram comigo esses quatro anos, sentados no fundo da sala, me deixando sempre acolhida no meio dos dois, me fazendo rir, chorar e principalmente aprender muito.

Sendo mais específica, à Amanda, por estar todos os dias ao meu lado, mesmo que seja através de mensagem de celular. Principalmente no ano da pandemia, em que não pudemos nos ver, mas fui abraçada todos os dias pela manhã com suas mensagens de bom dia, de carinho, de preocupação e desejando um ótimo e abençoado dia.

Ao meu amigo Renan, que quem nos conhece na Universidade diz que estamos sempre grudados, mas isso porque não sabem que essa história está bem além de uma simples graduação. O conhecimento há seis anos e já passamos por muitos momentos, tanto bons como ruins. Estou me formando em um curso que amo e me tornando uma profissional que sempre fui, mas não me atentava a isso. Graças a você, meu amigo, me chamou para essa aventura e sempre acreditou em mim.

Agradeço aos amigos que fiz na faculdade e que estiveram do meu lado nos momentos bons e ruins. Nas conversas no boulevard, na salinha da pedagogia, na cantina, no Restaurante Universitário e por que não nas festas de república que amenizavam a tensão e nos preparava para uma próxima semana de muita intensidade.

Agradeço os amigos que a vida me deu: Thais, Ricardo, os Eduardos (Duzinho e Duzão) e Igor, que estiveram do meu lado em todos os momentos que precisei, me alegrando, confortando, consolando, aconselhando e torcendo sempre para o meu sucesso.

Agradeço a minha orientadora Berta Lúcia Tagliari Feba que está comigo nesta jornada de pesquisa desde meu início de graduação. Ela acreditou em mim e me ensinou de maneira calma e delicada muito conhecimento que tenho hoje. Você é uma pessoa iluminada e eu agradeço pelo carinho, pela paciência e pelo cuidado durante todo esse tempo. Você é uma mulher admirável e extremamente inteligente. Espero poder continuar trilhando um caminho que alcance o seu brilho.

Agradeço ao Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil - CELLIJ, pois é através dele que venho desenvolvendo todo conhecimento que venho aprendendo com a mediação, a leitura, a literatura e a biblioteca escolar. Foi realmente gratificante conviver com pessoas tão maravilhosas como a Renata Bianchi, a Marisa e as Cellijetes que guardo com muito carinho todos os momentos bons que construímos juntas. Lembrando que foi nesse espaço que conheci uma amiga incrível que está sempre ao meu lado refletindo sobre os mistérios da vida, obrigada Bianca.

Aqui devo agradecer a Professora Renata Junqueira que possibilitou essa vivência no CELLIJ, no grupo de pesquisa e que hoje traçamos juntas um caminho que pretendo que seja bem longo, iniciando com uma iniciação científica e olhando para um futuro acadêmico de muito sucesso e aprendizagem. Com certeza, independentemente do tempo que caminharmos juntas, sei que sempre estarei aprendendo com o tamanho de conhecimento que carrega consigo.

Agradeço ao Coletivo Mãos Negras por me ajudar a me formar enquanto mulher preta e por ser um ambiente de formação de luta perante a todo racismo que ainda irei enfrentar em minha jornada, mas que hoje me sinto pronta para vencer qualquer batalha.

Agradeço à Universidade, juntamente com os professores e funcionários, que fizeram, fazem e ainda farão por muito tempo parte da minha vida, que me desafia todos os dias a ser uma pessoa melhor. Não para mostrar para alguém ou por precisar ser aceita, mas por acordar todos os dias e ter em meu íntimo a vontade de vencer todos os obstáculos que surgirem em minha vida e sei que mesmo ganhando ou perdendo, estarei feliz porque estarei aprendendo.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Profa. Dra. Renata Junqueira de Souza e ao Prof. Dr. Fernando Teixeira Luiz, por comporem a banca arguidora e contribuírem com a discussão desses temas que fazem parte de nossos estudos e de nossas vidas. Obrigada por se disponibilizarem a colaborar com a minha formação.

Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo.

(Paulo Freire, 2002, p. 14)

RESUMO

Há algumas décadas vem sendo estudado a compreensão de que a biblioteca escolar é de extrema importância para a aprendizagem do aluno, assim como a atuação do mediador que tem como objetivo proporcionar a devida educação à criança nesse espaço. Com isso, apresenta-se este trabalho de conclusão de curso (TCC) que, pautado em referências bibliográficas e em uma pesquisa de Iniciação Científica – sem bolsa, elaborada e concluída no ano de 2019, tem como objetivo pesquisar quais são os trabalhos realizados em todos os campi da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — UNESP — com os descritores principais: biblioteca escolar e mediação de leitura. Sendo assim, esta pesquisa tem cunho bibliográfico quantitativo e tem o intuito de discutir a importância de estudar biblioteca escolar e a mediação de leitura. Essa busca se deve à concepção de que o espaço ora mencionado deve ser considerado dentro do ambiente escolar como uma segunda sala de aula que, com sua devida mediação, tem a possibilidade de educar e desenvolver o aluno. Para isso, a metodologia aplicada foi um levantamento de dissertações e teses realizadas na pós-graduação de todos os cursos da área de humanas dos campi da Unesp, por meio da plataforma C@tedra. Como resultado, após utilizar os principais descritores e seus derivados, ler e analisar os títulos e resumos dos trabalhos, foram escolhidas 7 (sete) pesquisas acadêmicas, dentre elas, 4 (quatro) dissertações e 3 (três) teses, dos campi de Presidente Prudente e Marília, das linhas de pesquisas voltadas para a Educação e Ciência da Informação, considerando a aderência temática aos objetivos deste estudo. Partindo da ótica quantitativa, percebe-se a pequena quantidade de trabalhos voltados para o tema, provocando a reflexão acerca da ausência de debates acerca desses assuntos na matriz curricular de cursos voltados para a área da Educação, como Pedagogia e Letras, e da área da Biblioteconomia. Quanto à pesquisa qualitativa, houve a análise desses sete trabalhos e a inigualável contribuição de pesquisadores que trouxeram discussões sobre: o histórico da biblioteca; sua atuação social e política; a importância da biblioteca escolar; sua realidade nas escolas; a problematização da profissionalização do bibliotecário; a mediação em vários âmbitos educacionais; as dificuldades dos mediadores na biblioteca escolar; a necessidade da formação continuada, entre outros temas importantes para construção do conhecimento. Visto isso, este estudo terá uma estrutura que contempla: introdução, justificativa, objetivos, metodologia, análise dos trabalhos escolhidos e conclusão. Com isso, esta pesquisa ponderou o que está sendo estudado a respeito do ambiente da biblioteca e a necessária mediação, a fim de que a luta por uma educação de qualidade permaneça nas pesquisas acadêmicas e atinja as práticas realizadas nas instituições educacionais.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; Mediação de leitura; Plataforma C@tedra

ABSTRAT

For some decades, the understanding that the school library is extremely important for student learning has been studied, as well as the role of the mediator who aims to provide the proper education to the child in this space. With that, we present this course conclusion work (TCC) which, based on bibliographic references and on a research of Scientific Initiation - without scholarship, elaborated and completed in the year 2019, aims to research what are the works carried out in all campuses of the Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" — UNESP — with the main descriptors: school library and reading mediation. Therefore, this research has a quanti-qualitative bibliographic nature and aims to discuss the importance of studying school library and reading mediation. This search is due to the conception that the space mentioned above should be considered within the school environment as a second classroom that, with its proper mediation, has the possibility to educate and develop the student. For this, the methodology applied was a survey of dissertations and theses carried out in the postgraduate course of all courses in the humanities of the campuses of Unesp, through the C@tedra platform. As a result, after using the main descriptors and their derivatives, reading and analyzing the titles and abstracts of the works, 7 (seven) academic researchers were chosen, among them, 4 (four) dissertations and 3 (three) theses, from the campuses of Presidente Prudente and Marília, from the lines of research focused on Education and Information Science, considering the thematic adherence to the objectives of this study. From the quantitative point of view, the small amount of works focused on the theme can be seen, provoking reflection on the absence of debates about these subjects in the curricular matrix of courses focused on the area of Education, such as Pedagogy and Letters, and on the area of Librarianship. As for qualitative research, there was an analysis of these seven works and the unparalleled contribution of researchers who brought discussions about: the history of the library; its social and political performance; the importance of the school library; its reality in schools; the problematization of the professionalization of the librarian; mediation in various educational areas; the difficulties of mediators in the school library; the need for continuing education, among other important topics for the construction of knowledge. In view of this, this study will have a structure that includes: introduction, justification, objectives, methodology, analysis of the chosen works and conclusion. With this, this research considered what is being studied about the library environment and the necessary mediation, so that the fight for a quality education remains in academic research and reaches the practices carried out in educational institutions.

Keywords: School library; Reading mediation; C@tedra Platform

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama de toda pesquisa realizada para análise	27
Figura 2: Sinopse parcial de dados obtidos na formação “Bibliotecas escolares: palavras andantes”, criado por Rovilson José da Silva	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descritores da pesquisa na plataforma C@tedra	25
Quadro 2: Descritores escolhidos para a continuidade da pesquisa	25
Quadro 3: Descritores referentes ao espaço de leitura	26
Quadro 4: Resultado final do levantamento de teses e dissertações	29

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Teses e dissertações partindo dos descritores utilizados.....	28
Gráfico 2: Ano de publicação das teses e dissertações.....	31
Gráfico 3: As Universidades que produzem as teses e as dissertações.....	31
Gráfico 4: As Pós-Graduações presentes nos trabalhos analisados.....	32

LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS

CELLIJ – Centro de Estudo em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PPP – Projeto Político Pedagógico

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UNESP – Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	Dos objetos de estudo: biblioteca escolar e mediação de leitura.....	16
1.2	Da figura materna à experiência acadêmica: os motivos pessoais e profissionais da pesquisa.....	18
1.3	Do problema de pesquisa.....	20
1.4	Dos objetivos da pesquisa.....	21
1.4.1	Justificando os objetivos.....	21
2	DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO.....	22
2.1	Da pesquisa.....	23
2.2	Da busca.....	24
3	ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS.....	33
3.1	Da pesquisa quantitativa.....	33
3.2	Da pesquisa qualitativa.....	37
3.2.1	O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: Formação e atuação – Rovilson José da Silva (2006)	37
3.2.2	Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente – Denise Alexandre Perin (2009)	45
3.2.3	Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando – Sueli Bortolin (2010)	53
3.2.4	Leitura, literatura infantil e estratégias de leitura no contexto escolar: concepções e práticas – Vanessa Bataus (2013)	58
3.2.5	Mediação da leitura em bibliotecas públicas – Alessandro Rasteli (2013).....	65
3.2.6	Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico: um estudo de caso – Maria Marismene Gonzaga (2017)	72
3.2.7	Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais – Alessandro Rasteli (2019)	81
4	CONCLUSÃO	87
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

1 INTRODUÇÃO

Iniciando esse trabalho de conclusão de curso – TCC, julga-se necessário especificar qual será o objeto de estudo a ser trabalhado, quais as motivações pessoais e profissionais levaram a trilhar este estudo, qual a pergunta que norteará e provocará esta pesquisa e quais serão os objetivos para respondê-la.

1.1 Dos objetos de estudo: biblioteca escolar e mediação de leitura

A escola é o espaço em que a criança desde sua primeira infância passa por um processo de desenvolvimento. Essa criança necessita crucialmente das ações docentes, da gestão e dos demais representantes pedagógicos que carregam consigo o encargo de educar.

A estrutura da escola deve ser organizada de maneira que proporcione o aprendizado ao aluno e um dos ambientes mais importantes para a instituição escolar — porque é a continuidade da sala de aula - é a chamada biblioteca escolar.

Com uma presença polêmica e desvalorizada, esse espaço de leitura e estudo é negligenciado em muitas escolas de nosso país, não havendo uma estrutura efetiva no âmbito escolar ou configurada apenas como um depósito de livros didáticos.

Ao tratá-la como polêmica, refere-se às várias expressões que só servem para suprimir a amplitude que o espaço pode oferecer. Sala de leitura ou biblioteca? Bibliotecária(o), professora(o) ou funcionária(o)? São perguntas frequentes que surgem ao mencionar esse ambiente e que resultam na falta de conhecimento de que a biblioteca escolar tem o caráter de uma sala de leitura, porém, abarca uma estrutura única e completa e que, com amparo na legislação, deveria ter a mediação de uma pessoa formada e especializada para o espaço ou minimamente preparada com formações continuadas para trabalhar com o público escolar.

Além do conhecimento ora mencionado, a desvalorização do local é tamanha, pois algumas vezes se configura como uma espécie de almoxarifado e não obtém o êxito da presença diária dos estudantes, muito menos da prática educativa da docência no espaço.

A culpabilidade dessa situação vem de várias esferas: a falta de formação na graduação inicial para incentivar a leitura, a literatura e o espaço da biblioteca; a não formação continuada com o mesmo teor para os docentes já formados e atuantes; a

resistência por parte de toda comunidade escolar quanto à desconstrução da figura da biblioteca escolar e principalmente quanto à educação tradicional que implica no aluno “aprendendo” apenas na sala de aula, em suas carteiras enfileiradas, seus livros didáticos e, de acordo com Paulo Freire (1987), com um tipo de educação bancária; e o que talvez mais afeta todas as escolas públicas de nosso país: a falta de políticas públicas por parte do Governo que, representando o Estado, deveria majoritariamente prezar pelo disposto na Constituição Federal/88 que confere a todos o direito à uma educação de qualidade e não um ensino pautado em um sistema capitalista que só vislumbra trabalhadores em massa em uma sociedade sem cidadãos críticos.

Porém, mesmo em meio a muitos entraves, diversas escolas e atuantes da instituição lutam contra todas as adversidades e principalmente contra o sistema, pois possibilitam em seu espaço de leitura uma prática de formação leitora e uma qualidade de estratégias que propiciam ao estudante gostar de ler, saber ler e transferir aquela mensagem ao seu íntimo, não só lhe passando o conhecimento como também um desenvolvimento pessoal e social que o torna um ser mais íntegro em sociedade.

Assim, compreende-se que a biblioteca escolar tem extrema importância para a educação e, por muito tempo, vem sendo estudada, defendida e regulamentada. Com isso, no que se refere à regulamentação, tem-se o Manifesto IFLA/UNESCO que define a biblioteca escolar como “parte integral do processo educativo” (1999, p. 2).

No que tange aos estudos, Silva (2009) defende que na biblioteca existe uma diversidade de conhecimento que considera “o contato do aluno com o livro uma das maneiras de confrontá-lo consigo mesmo, com os diferentes e ou iguais a ele, o que contribuirá para seu amadurecimento psicológico e intelectual.” (SILVA, 2009, p.116).

Assim, partindo dessa importância, deve-ser compreender que as ações realizadas dentro desse espaço devem ser estratégicas quanto à sua estrutura, ao bibliotecário (a), ao professor (a) e à equipe gestora dentro da escola, tudo voltado para otimizar o ambiente e proporcionar o uso adequado dos alunos.

Essas estratégias estão relacionadas à mediação que deve ser realizada neste espaço e, partindo dos conceitos de Vygotsky, Nobukuni explica que essa ação “seria o processo existente na relação do homem com o mundo ou com outros homens [...] é por meio desse processo que as funções psicológicas superiores se desenvolvem” (2017, p.16).

Sendo assim, é importante refletir se o espaço da biblioteca escolar está sendo devidamente valorizado e utilizado com o intuito de educar e desenvolver o aluno.

Conforme Batista (2015, p. 50),

[...] não é um espaço independente, visto que ensino escolar e biblioteca escolar se complementam, sendo esta um instrumento essencial no processo de ensinar e aprender. Este espaço presta um serviço para a escola, para a comunidade escolar, podendo despertar o pensamento crítico e criativo.

Para que essa valorização se perpetue e concretize dentro das escolas, são necessárias ações de formação no ensino acadêmico e na formação continuada nas instituições escolares.

A importância no ensino acadêmico se dá pois os futuros profissionais principalmente da área da educação compreendendo a relevância da biblioteca escolar e o que fazer para que ela se concretize nas escolas, garante a esse profissional conhecimento suficiente para proporcionar uma utilização crítica e de qualidade do referido espaço.

Da mesma maneira, toda essa discussão pode ser realizada nas escolas com envolvimento dos pedagogos – e aqui se entendem por pedagogo os professores, os gestores e os funcionários – que têm o dever de permanecer estudando em formações continuadas, para assim, criar estratégias que otimizem espaços como o da biblioteca escolar para a educação dos alunos.

Surge, então, o questionamento se este assunto está sendo debatido na academia, especificamente nas plataformas de dissertações e teses da Universidade Estadual Paulista – UNESP. É sabido que os temas biblioteca escolar e mediação de leitura constam nas discussões acadêmicas, porém, o intuito desse trabalho de conclusão de curso é constatar quantos trabalhos já foram realizados e quais as principais relevâncias teóricas e práticas trazem para o fomento desse espaço nas instituições escolares. Assim, na formação inicial, como na continuada, este assunto precisa estar nos estudos dos pedagogos e esses trabalhos acadêmicos analisados podem trazer a construção de novos pensamentos e ações no contexto escolar e no que se refere a esse espaço de leitura.

1.2 Da figura materna à figura acadêmica: os motivos pessoais e profissionais da pesquisa

É interessante justificar como este trabalho foi pensado e elaborado. Para isso,

é necessário resgatar elementos pessoais, acadêmicos e profissionais que proporcionaram o estudo em questão.

Primeiramente, deve-se contextualizar que este tema tem cunho pessoal, isso porque a leitura e a literatura sempre foram algo marcante em minha vida, justamente por representar a figura materna em toda minha infância me incentivando a ler.

Com o tempo, minha mãe se tornou pedagoga e a prática permaneceu nas escolas em que lecionou, porém, não tenho o conhecimento hoje se ela tinha consciência de como aquela leitura meramente de deleite estava me desenvolvendo cognitivamente, fisicamente, emocionalmente, afetivamente e me proporcionando postura e prática de leitora.

Todavia, nas escolas onde estudei, a presença dos livros não era a mesma e somente no ensino médio tive o contato com uma biblioteca que, mesmo com uma funcionária distante e conhecida por “brava”, permitia o acesso dos estudantes a todo o tempo no espaço. Com isso, tive o contato com livros literários voltados aos jovens e um dos escritores que mais me marcou com sua escrita: Pedro Bandeira.

Leituras clássicas como *Dom Casmurro*, *Morte e Vida Severina*, entre outras, foram a mim apresentadas em meio às aulas de Língua Portuguesa de uma maneira desagradável, o que resultou em uma dificuldade com leituras de escritas mais formais no final do meu ensino médio e começo da minha primeira graduação.

A minha primeira graduação – Direito na faculdade TOLEDO de Presidente Prudente – foi o momento da quebra entre a leitura de deleite e a leitura acadêmica, visto que, devido aos trabalhos e as avaliações, minha leitura se voltou exclusivamente para livros acadêmicos e jurídicos. Também, em decorrência de grandes compromissos educacionais e profissionais, a leitura e a frequência a uma biblioteca era quase nula no que tange a um momento prazeroso.

Passado um longo período em outros ramos profissionais, voltando aos estudos e já na minha segunda graduação — Pedagogia na UNESP de Presidente Prudente —, a leitura continuou acadêmica, porém, tive o prazer de discutir a questão educacional e legislativa das bibliotecas escolares com minha atual orientadora em uma disciplina optativa de Mediação e Estratégias de Leitura.

Foi a partir dessa discussão que se originou meu projeto de Iniciação Científica — sem bolsa — elaborado no ano de 2018 e com relatório apresentado no ano de 2019. Essa pesquisa foi de caráter investigativo e campo, com instrumentação de entrevista e abordagem qualitativa com o título “Estrutura física e ações de mediação

de leitura em uma biblioteca de uma escola municipal de Presidente Prudente”.

Devido a essa pesquisa, no ano de 2019 me inscrevi no processo seletivo para atuar como bolsista, pesquisadora e contadora de história no Centro de Estudos em Literatura e Leitura Infantil e Juvenil – CELLIJ – na UNESP de Presidente Prudente. Tive a oportunidade de ser selecionada e atuar um ano em uma experiência que me fez retornar à literatura e ao convívio com uma biblioteca, fato de extrema importância para continuação de minha formação de leitora ativa e crítica.

A experiência vivenciada no espaço do CELLIJ me proporcionou mais reflexões e compreensões da importância de uma biblioteca dentro das escolas e da necessidade da devida mediação do espaço, dos atuantes nele e das ações que podem ser realizadas para o benefício de uma educação de qualidade aos alunos.

Com isso, intensifiquei meus estudos sobre: a importância da biblioteca escolar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança; a necessária mediação eficaz do (a) bibliotecário (a), assim como do docente e da equipe gestora; e, por fim, quais as ações necessárias a serem tomadas no âmbito escolar, principalmente na biblioteca que proporciona todo aprendizado ao aluno.

Partindo dessa viagem ao tempo, ao concluir minha graduação enquanto pedagoga, tenho como objetivo finalizar com um trabalho de conclusão de curso que analise quantos estudos acadêmicos dentro da Universidade Estadual Paulista – UNESP estão sendo realizados voltados ao tema biblioteca escolar e mediação de leitura e quais são os conceitos e práticas que essas discussões nos trazem para o fomento desse espaço na estrutura escolar e para a construção de mediadores de leitura.

1.3 Do problema de pesquisa

Seguindo o que já foi exposto, o intuito deste trabalho é o de responder a pergunta: quantas e quais são as pesquisas sobre biblioteca escolar e mediação de leitura realizadas em programas de pós-graduação da UNESP, em todos os campi, nos cursos da área de humanas?

Sendo assim, busca-se refletir se a quantidade e a qualidade da escrita levantada está sendo suficiente para a área educacional enquanto formação inicial ou contínua dos docentes e quais são os cursos que mais tratam do assunto.

1.4 Dos objetivos da pesquisa

Para responder esse problema de pesquisa, objetiva-se neste trabalho de forma geral:

- I. Identificar quais pesquisas sobre biblioteca escolar e mediação de leitura já foram realizadas em programas de pós-graduação da UNESP, em todos os campi, nos cursos da área de humanas.

E com caráter específico:

- I. Pesquisar e levantar na plataforma C@tedra – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – da UNESP, quantas e quais pesquisas foram realizadas com os descritores principais: biblioteca escolar e mediação de leitura, utilizando como descritor secundário o termo sala de leitura;
- II. Refletir a respeito das contribuições dessas pesquisas levantadas que certamente repercutem no campo da educação.

1.4.1 Justificando os objetivos

É importante frisar os descritores que serão utilizados nesta pesquisa principalmente no que se refere à sala de leitura. Até o momento tem se falado sobre a relevância da biblioteca escolar e sua devida mediação, porém, há a necessidade de na pesquisa colocar como descritor o termo sala de leitura, pois existe um equívoco com os dois termos em questão, ou seja: biblioteca escolar e sala de leitura.

Nos últimos tempos tem sido costume presenciar nas escolas e em alguns trabalhos acadêmicos a assimilação de biblioteca escolar e sala de leitura, mas se julga necessário enfatizar que há diferença nesses termos.

A biblioteca escolar tem um caráter completo, devendo conter um acervo com livros e demais recursos como: jornais, revistas, mídia digital, entre outros, assim como deve disponibilizar de maneira confortável e agradável mobílias que possibilitem aos alunos usarem o espaço para empréstimo, leitura e estudo.

Ainda sobre esse espaço, de acordo com a lei 12.244/2010 é obrigatória a existência da função de um bibliotecário formado para atuar na biblioteca escolar, o que seria adequado no que se refere a questões administrativas, organizacionais e educacionais. É fato, porém, que isso em muitas escolas não ocorre, prejudicando, assim, a mediação que deve ser fornecida ao aluno.

Com relação à expressão sala de leitura, ela pode dotar de materiais semelhantes ao de uma biblioteca escolar, mas não carrega consigo todas as exigências estruturais que a biblioteca escolar necessita.

Além disso, essa terminologia no estado de São Paulo vem da resolução SE 76/2017 que dispõe sobre esse programa de sala de leitura nas escolas estaduais com a atuação de professores que têm como função criar programas de leitura para os alunos, ou seja, o responsável pelo espaço é um professor (a).

Se for pensar na questão educacional, é muito interessante um professor atuar em um espaço de leitura, porém, ele deve ter formação adequada para administrar, organizar e planejar o espaço adequadamente para a educação do aluno.

Outro aspecto interessante de ressaltar é que esse programa funciona nas escolas estaduais, assim, as escolas de educação infantil e ensino infantil dos anos iniciais, no estado de São Paulo, são da responsabilidade do município, com isso, essas escolas devem conter obrigatoriamente bibliotecas escolares.

Partindo dessa breve contextualização factual e legislativa, muitas escolas não fornecem bibliotecas escolares em suas instituições e descumprem o exposto em leis e diretrizes educacionais. Quando oferecem, não têm especificações necessárias; ou, muitas vezes, atribuem uma sala com uma prateleira de livros denominando como sala de leitura e entendem que esse espaço seja suficiente.

Por situações como essas, ou até mesmo pela confusão devido à ignorância do assunto, os termos biblioteca escolar e sala de leitura se tornam sinônimos e se faz necessário enfatizar suas diferenças. Entretanto, para pesquisar o máximo que está sendo estudado acerca do tema, faz-se necessário atribuir o descritor sala de leitura também a essa pesquisa, haja vista que muitas produções podem ser descartadas se não utilizada essa terminologia.

Findado o assunto biblioteca escolar e sala de leitura, julga-se necessário especificar que nos objetivos deste trabalho não há no momento da busca na plataforma o intento de delimitar datas, isso porque, com o propósito de encontrar o maior número possível de dissertações e teses na plataforma C@tedra, a delimitação de data inicial e final poderia comprometer o intuito da pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

Para a elaboração deste trabalho é preciso realizar um desenvolvimento metodológico para desenvolver a pesquisa e para a busca do conhecimento. Sendo assim, seguem a caracterização e os procedimentos da metodologia utilizada.

2.1 Da pesquisa

Partindo do exposto, julga-se necessário especificar que este trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa bibliográfica/exploratória, com abordagem quanti-qualitativa.

No que se refere à pesquisa bibliográfica, com amparo no conceito estabelecido por Marconi e Lakatos (2003, p. 183),

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo [...] Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Sendo assim, essa pesquisa foi realizada na plataforma C@tedra – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – da UNESP, na qual foram pesquisadas e levantadas pesquisas em todos os campi da Universidade, na área de humanas, com os descritores principais: biblioteca escolar + mediação; e descritores secundários: sala de leitura + mediação; havendo acréscimo e/ou supressão de palavras com o intuito de uma pesquisa avançada.

Após esse levantamento bibliográfico de artigos realizados, houve a leitura do material para que se configure uma pesquisa quanti-qualitativa. Quantitativa, conforme nos ensina Moreira “a coleta de dados enfatizará números (ou informações conversíveis em números) que permitam verificar a ocorrência ou não das consequências” (2002, p.17), sendo assim, se refere no número de material coletado, especificando campus, curso, ano de publicação e espécie de pesquisa.

No que se refere à pesquisa qualitativa, de acordo com Gonzaga (2006, p. 70),

[...] a pesquisa do tipo qualitativa apresenta como característica peculiar a diversidade metodológica, de tal maneira que permite extrair dados da realidade com o fim de ser contrastados a partir do prisma do método.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa está relacionada a reflexão obtida após a leitura sobre as contribuições que as mesmas trazem para o cenário da biblioteca escolar e sua necessária mediação.

Importante frisar que esta pesquisa não possui apenas uma contribuição social, acadêmica e educacional quanto ao que está sendo pesquisado sobre esse relevante assunto, mas também, contribuirá para a continuação da pesquisa realizada por essa autora, visto que é necessário conectar todo conhecimento obtido nas pesquisas realizadas por essa Universidade.

2.2 Da busca

Para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, julga-se necessário especificar como foi realizada a pesquisa que será usada como base para discussão. Nesse sentido, tem-se como foco pesquisar na plataforma C@tedra da UNESP quantas e quais pesquisas foram realizadas com o tema biblioteca escolar e mediação de leitura.

Primeiramente foram definidos quais seriam os descritores a serem pesquisados na plataforma C@tedra, assim, foram utilizadas as palavras mais usuais para o tema com quatro estratégias de pesquisa: letra minúscula, acentuação, aspas e o operador booleano AND.

É importante frisar que essas estratégias são as mais indicadas para uma pesquisa, pois a letra minúscula abrange todas as pesquisas relacionadas aos descritores; com ou sem acentuação abrange pesquisas que possivelmente sofreram algum erro ortográfico; as aspas limitam as pesquisas exatamente com os determinados descritores; e o operador booleano AND agrupa trabalhos com dois ou mais descritores essenciais para a pesquisa.

Dessa forma, seguem na tabela abaixo os descritores utilizados para fazer a pesquisa na plataforma que buscou abranger todas as possibilidades cabíveis para encontrar os melhores e mais amplos resultados.

Quadro 1: Descritores da pesquisa na plataforma C@tedra

	1° pesquisa	2° pesquisa	3° pesquisa	4° pesquisa	5° pesquisa
Descritores	“biblioteca escolar” AND “mediação de leitura”	“sala de leitura” AND “mediação de leitura”	“biblioteca” AND “mediação de leitura”	“biblioteca” AND “mediação”	“sala de leitura” AND “mediação”
	biblioteca escolar AND mediação de leitura	sala de leitura AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação	sala de leitura AND mediação
	“biblioteca escolar” AND “mediação de leitura”	“sala de leitura” AND “mediação de leitura”	“biblioteca” AND “mediação de leitura”	“biblioteca” AND “mediação”	“sala de leitura” AND “mediação”
	biblioteca escolar AND mediação de leitura	sala de leitura AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação	sala de leitura AND mediação
	biblioteca escolar AND mediação de leitura	sala de leitura AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação	sala de leitura AND mediação

Elaborado pela autora, 2020

Após fazer o levantamento na plataforma, foi verificado que os descritores que traziam os resultados mais completos foram com as palavras sem o uso das aspas e com a acentuação.

Sendo assim, seguem abaixo os descritores utilizados para a continuidade da pesquisa:

Quadro 2: Descritores escolhidos para a continuidade da pesquisa

	1° pesquisa	2° pesquisa	3° pesquisa	4° pesquisa	5° pesquisa
Descritores	biblioteca escolar AND mediação de leitura	sala de leitura AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação de leitura	biblioteca AND mediação	sala de leitura AND mediação

Elaborado pela autora, 2020

É necessário mencionar que durante a pesquisa foi verificada uma nova junção de descritores que foram constantemente vistos nos títulos dos trabalhos, no caso, espaço de leitura e mediação de leitura, substituindo, assim, a nomenclatura biblioteca/biblioteca escolar e sala de leitura para um termo amplo.

Como já sabido, os melhores descritores eram com palavras sem o uso de aspas e com acento, sendo assim, esta pesquisa já foi realizada com esses requisitos.

Abaixo seguem os descritores utilizados:

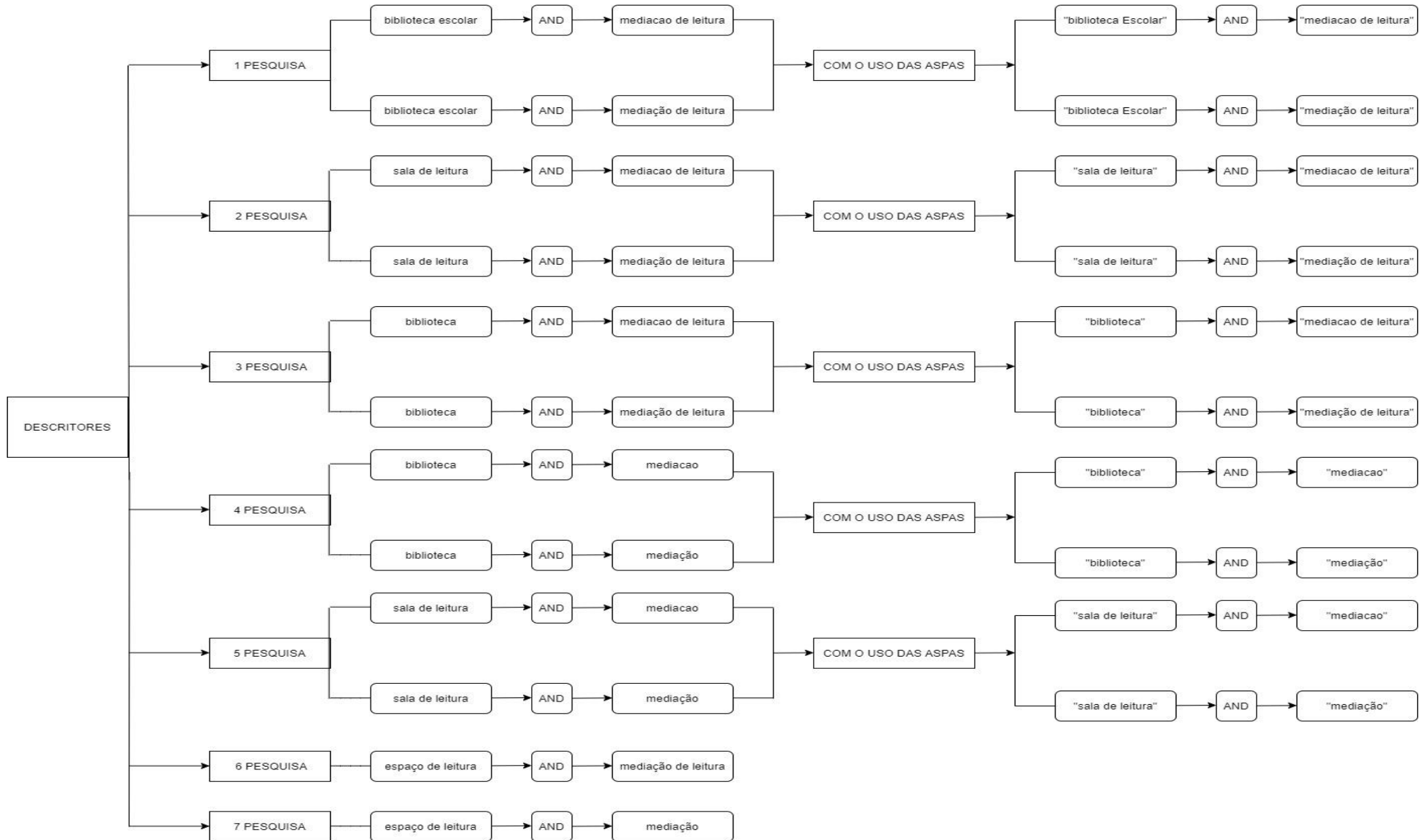
Quadro 3: Descritores referentes ao espaço de leitura

Descritores	1° pesquisa	2° pesquisa
	espaço de leitura AND mediação de leitura	espaço de leitura AND mediação

Elaborado pela autora, 2020

Para melhor visualização da estrutura de toda a pesquisa, julga-se necessário contemplarmos um diagrama com o caminho cronológico do levantamento bibliográfico, que pode ser vislumbrado logo abaixo:

Figura 1: Diagrama de toda pesquisa realizada para análise.



Elaborado pela autora, 2020

Ao todo, foram encontrados 55 (cinquenta e cinco) trabalhos entre dissertações e teses. Os mesmos foram analisados para verificar se havia repetições e se, pela leitura dos resumos, o trabalho tinha relevância no objetivo desta pesquisa em questão. Importante ressaltar que não foi selecionado um recorte temporal para a pesquisa na plataforma, isso porque houve o intuito de abarcar o maior número de materiais possíveis.

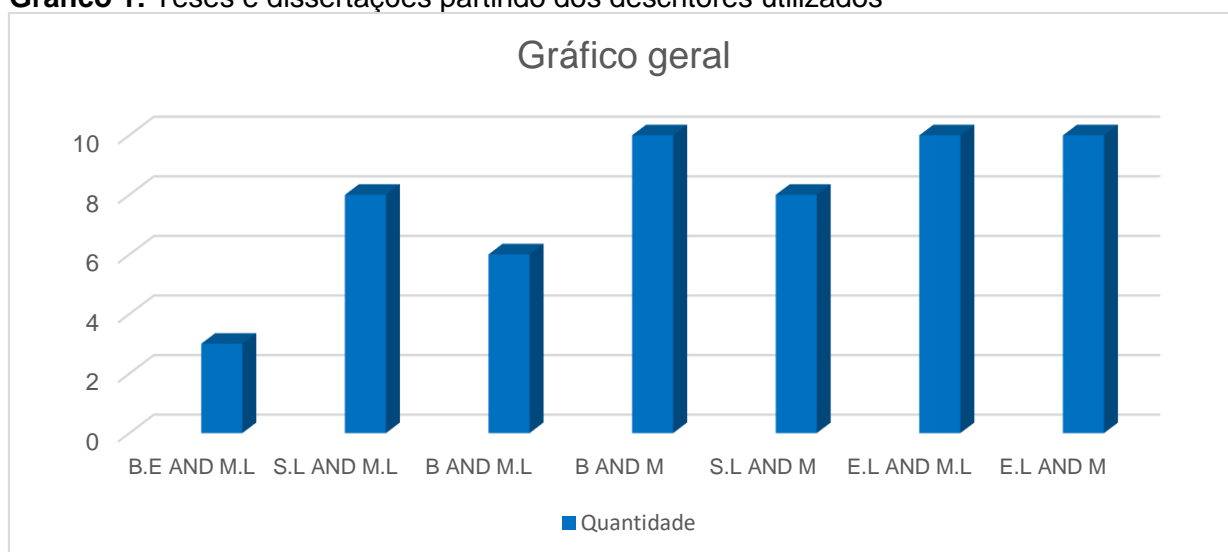
Esse levantamento de teses e dissertações foi realizado no primeiro bimestre do ano de 2020, portanto, qualquer trabalho que tenha sido incluído na plataforma após esse período não pôde ser contemplado nesta discussão.

Com isso, obteve-se o seguinte número de pesquisas:

- 3 trabalhos com o descritor biblioteca escolar AND mediação de leitura;
- 8 trabalhos com o descritor sala de leitura AND mediação de leitura;
- 6 trabalhos com o descritor biblioteca AND mediação de leitura;
- 10 trabalhos com o descritor biblioteca AND mediação;
- 8 trabalhos com o descritor sala de leitura AND mediação;
- 10 trabalhos com o descritor espaço de leitura AND mediação e leitura;
- 10 trabalhos com o descritor espaço de leitura AND mediação.

O gráfico abaixo expõe esse levantamento:

Gráfico 1: Teses e dissertações partindo dos descritores utilizados



Fonte: Plataforma C@tedra
Elaborado pela autora, 2020

Com esses 55 (cinquenta e cinco) trabalhos levantados, foi realizada uma análise no que se refere ao título e ao resumo para verificar se fazia parte do objetivo deste estudo. Além desse cuidado, foi verificado que em vários descritores havia a repetição dos mesmos títulos, resultando em outro fator determinante para a escolha das pesquisas que seriam analisadas.

Outro fator importante que determinou a escolha dos trabalhos, foi na leitura do título e/ou do resumo constar as palavras chaves dessa pesquisa e seus derivados: biblioteca escolar e mediação de leitura. Ou seja, o intuito foi encontrar pesquisas que fizessem a relação desses dois temas e quais suas contribuições teóricas e práticas.

Dessa forma, fica evidente a exclusão de ótimos trabalhos que tinham como tema somente a biblioteca escolar, ou isoladamente a mediação de leitura, entre outras temáticas relevantes para o estudo. Todavia, o objetivo deste estudo é o de relacionar a importância da biblioteca escolar e a mediação que ela enquanto estrutura pode fornecer, assim como, as mediações que os demais pedagogos da instituição escolar podem proporcionar.

Visto isso, após essa apreciação, ficaram como destaque e como objetos de leitura e reflexão 7 (sete) trabalhos que são norteadores para a discussão.

A questão quantitativa já é determinante para um resultado, já que há uma pequena quantidade de dissertações e teses relacionadas aos dois assuntos, fato que dificulta a luta da inserção e aplicabilidade da biblioteca escolar dentro das instituições e da devida mediação de leitura, assuntos que deveriam ter mais atenção no meio acadêmico, uma vez que conhecer o que está sendo pesquisado proporciona qualidade de ensino, aprendizagem e formação de aluno leitor.

Com essa breve reflexão, seguem os trabalhos que são objetos desta pesquisa:

Quadro 4: Resultado final do levantamento de teses e dissertações

	Ano	Acervo	Material	Título	Autor
1°	2006	Faculdade de Filosofia – Marília	Tese	O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: formação.	Rovilson José da Silva

2°	2009	Faculdade de Ciência e Tecnologia – Presidente Prudente	Dissertação	Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente.	Denise Alexandre Perin
3°	2010	Faculdade de Filosofia – Marília	Tese	Mediação oral da literatura: a voz do bibliotecário lendo ou narrando.	Sueli Bortolin
4°	2013	Faculdade de Filosofia – Marília	Dissertação	Leitura, literatura infantil e estratégias de leitura no contexto escolar: concepções e práticas.	Vanessa Bataus
5°	2013	Faculdade de Filosofia – Marília	Dissertação	Mediação da leitura em bibliotecas públicas.	Alessandro Rasteli
6°	2017	Faculdade de Ciência e Tecnologia – Presidente Prudente	Dissertação	Biblioteca escolar e projeto político pedagógico: um estudo de caso.	Maria Marismene Gonzaga
7°	2019	Faculdade de Filosofia – Marília	Tese	Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais.	Alessandro Rasteli

Fonte: Plataforma C@tedra
Elaborado pela autora, 2020

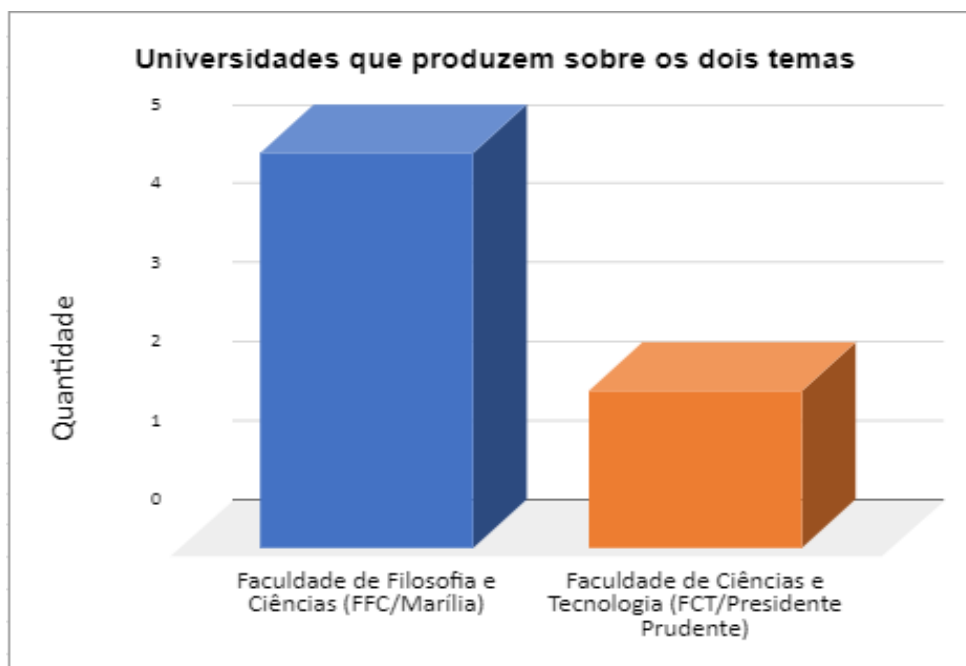
Com base nesses trabalhos, foi feito um segundo gráfico especificando o ano de publicação e o tipo de material que se encontra a dissertação ou a tese.

Gráfico 2: Ano de publicação das teses e dissertações

Fonte: Plataforma C@tedra
Elaborado pela autora, 2020

Assim, é possível observar que há uma tese no ano de 2006, uma dissertação no ano de 2009, uma tese no ano de 2010, duas dissertações no ano de 2013, uma dissertação no ano de 2017 e uma tese no ano de 2019.

Houve a necessidade de realizar um gráfico demonstrando qual faculdade teve o maior número de pesquisas e pode-se vislumbrar o resultado no gráfico abaixo:

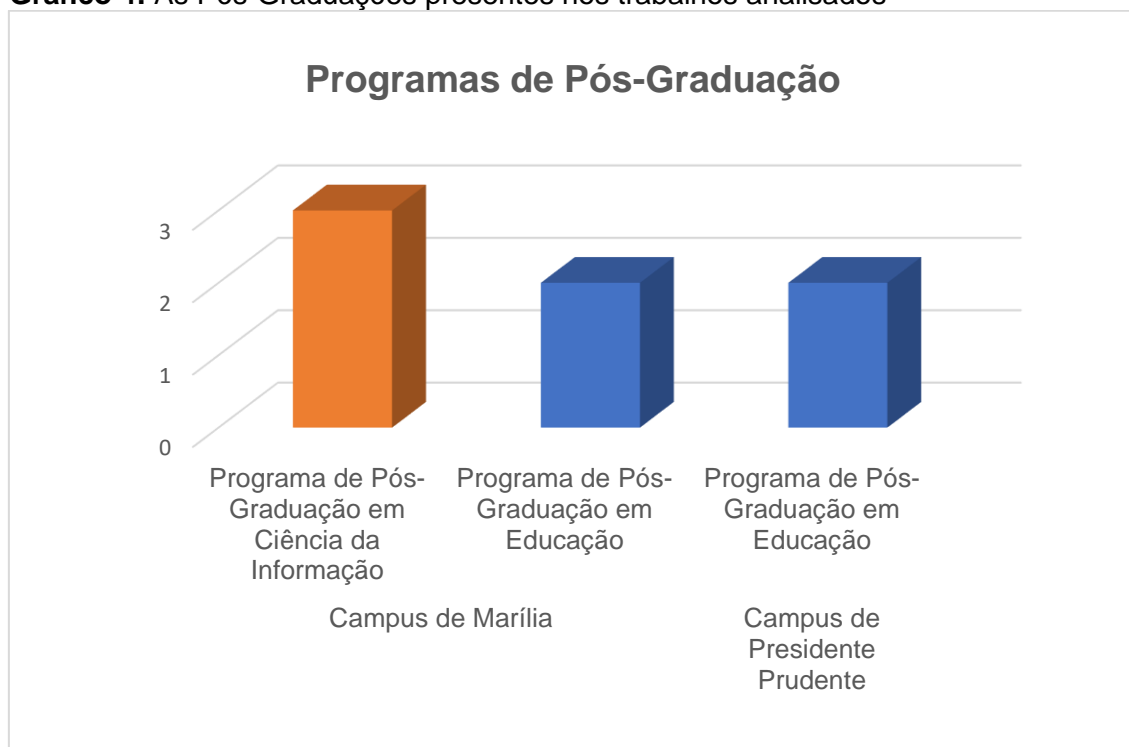
Gráfico 3: As Universidades que produzem as teses e dissertações

Fonte: Plataforma C@tedra
Elaborado pela autora, 2020

Sendo assim, a maioria dos trabalhos foram realizados na Faculdade de Filosofia do campus de Marília, fato interessante para esta pesquisa, pois, devido a essa Universidade ter em sua grade de cursos a Biblioteconomia, denota-se maior número de pesquisas que discutem a importância da biblioteca no âmbito escolar, assim como as funções do mediador, seja bibliotecário ou outro profissional.

Além disso, é importante ressaltar que na Universidade do campus de Marília há a presença de dois Programas de Pós-Graduação, no caso, Ciência da Informação e Educação, por haver os cursos de graduação em Biblioteconomia e Pedagogia.

No gráfico abaixo é possível vislumbrar os campi de Marília e Presidente Prudente, bem como os Programas de Pós-Graduação presentes nos trabalhos encontrados nesta pesquisa.

Gráfico 4: As Pós-Graduações presentes nos trabalhos analisados

Fonte: Plataforma C@tedra
Elaborado pela autora, 2021

Após a apresentação da metodologia utilizada neste trabalho, parte-se para o momento da análise dos textos encontrados.

3 ANÁLISE DOS TRABALHOS ACADÊMICOS

Após a busca pelos trabalhos acadêmicos que contemplassem os principais descritores biblioteca escolar e mediação de leitura, o próximo passo a ser tomado é discutir os resultados por meio da ótica da pesquisa quantitativa, suas características relevantes para o estudo e a contribuição que essas dissertações e teses trazem para a construção de conhecimento.

3.1 Da pesquisa quantitativa

Ao trabalhar a pesquisa quantitativa referente aos estudos encontrados neste trabalho, busca-se discutir a repercussão que podem causar no âmbito acadêmico (nas Universidades) e educacional (nas escolas).

Sendo assim, referenciando o já exposto na metodologia, após buscas e análises, foram encontrados 7 (sete) trabalhos acadêmicos, entre dissertações e teses que tratam do assunto biblioteca escolar e mediação de leitura.

Partindo para uma análise mais específica, foram 4 (quatro) dissertações e 3 (três) teses. Dentre elas, 5 trabalhos não abordavam especificamente a junção biblioteca escolar e mediação de leitura, ou seja, discutiram majoritariamente o conceito de biblioteca no âmbito geral (sua história e suas participações no município e nas escolas); as mediações de leitura que professores fizeram dentro da sala de aula; e a mediação de bibliotecários em bibliotecas municipais.

Com isso, apenas 2 (dois) trabalhos estão literalmente ligados ao tema biblioteca escolar e mediação de leitura, sendo eles: “O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: Formação e atuação”, de Rovilson José da Silva (2006), e “Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico: um estudo de caso”, de Maria Marismene Gonzaga (2017). É um fato alarmante, devido à importância dos dois assuntos para a educação e para a formação do aluno.

Ao analisar o número de trabalhos encontrados, surge a reflexão que mesmo sendo feita uma pesquisa em uma única plataforma (C@tedra), ela abrange estudos dos 34 (trinta e quatro) campi da Unesp espalhados no Estado de São Paulo e especificamente na área de Humanidades, que foi o foco deste estudo, pois são 12 (doze) Universidades no território estadual.¹

É evidente que das doze Universidades mencionadas na área de Humanidades, não se pode afirmar que todas teriam condições de trabalhar um tema pautado na área educacional, porém, se analisarmos minimamente os cursos de Biblioteconomia, Letras e Pedagogia temos 7 (sete) campi no Estado, sendo eles: Marília, Araraquara, Assis, São José do Rio Preto, Bauru, Presidente Prudente e Rio Claro, provavelmente mencionam em suas matrizes curriculares o espaço da biblioteca escolar como instrumento de aprendizagem e a mediação de leitura como um dos ofícios do professor e do bibliotecário.

¹ Dados retirados do Guia de Profissões UNESP, disponível no link: www.unesp.br/guiadeprofissoes.

Na mesma direção da discussão das Universidades, dos sete trabalhos analisados, 5 (cinco) são da Faculdade de Filosofia de Marília e 2 (dois) da Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente.

Dos cinco trabalhos oriundos do campus de Marília, 3 (três) são da Pós-Graduação de Ciências da Informação e 2 (dois) da Pós-Graduação de Educação. No campus de Presidente Prudente, os dois trabalhos são da Pós-Graduação em Educação.

Sendo assim, entende-se que houve um resultado ínfimo de pesquisas que discutem a biblioteca escolar e a mediação de leitura, partindo da análise que dois dos sete trabalhos encontrados não tratam exatamente dessa vertente.

Entrando em um corredor teórico, ao mencionar biblioteca escolar, tem-se um ambiente que tem como característica a promoção da leitura, do aprendizado e da formação de sujeitos íntegros na sociedade quando tem a possibilidade de construir um conhecimento que liberta e transforma o indivíduo, conforme nos ensina Batista (2015, p. 50) que dispõe,

[...] a variedade que compõe o acervo faz da biblioteca um lugar de qualidade, uma vez que possibilita ao leitor um vasto acesso e a possibilidade de enxergar na sociedade a leitura ali realizada.

Ao conceituar a biblioteca escolar com tamanha importância, é preocupante vislumbrar apenas 41% das escolas de ensino fundamental municipais no país terem esse espaço, visto que justamente a faixa etária abrigada por essa base de ensino (6 a 13 anos) são as que estão no ápice de seu desenvolvimento enquanto leitor e poderiam dentro desse ambiente alicerçar sua relação com a leitura, com a literatura, com o livro e com o aprendizado que o espaço pode proporcionar (BRASIL, 2020).²

Dessa forma, mesmo as escolas que possuem biblioteca escolar, sabe-se que muitas sofrem com a precarização estrutural e com a falta de formação do profissional, prevalecendo o senso comum entre os pedagogos da escola, de que esse espaço deve ser silencioso, que deve tomar cuidado com os livros - logo, não chegando às mãos das crianças - e de que uma dinâmica de empréstimo basta como mediação.

² Dados retirados do Censo da Educação Básica 2019: notas estatísticas.

Quanto à mediação de leitura, pode ser um seguimento utilizado em sala de aula pelo professor sobre o aluno e também trabalhado na biblioteca escolar, visto que é um ambiente de ensino e aprendizagem equivalente a uma sala de aula.

Com isso, o gestor, o professor e o funcionário que atua na biblioteca escolar pode ser considerado um mediador de conhecimento e logo, de leitura, cada qual, com sua especificidade.

O gestor atua frente as políticas públicas e programas de incentivo à leitura que podem fomentar a biblioteca escolar; o bibliotecário ou funcionário organiza, administra e propicia programações com ou sem a parceria do professor, com o intuito de incentivar a leitura e a cultura; e o professor, atua na sala de aula, assim como, na biblioteca escolar, tanto para a formação de leitor crítico, como para os demais estudos que são possíveis no espaço.

Contudo, para que as demais escolas que sofrem com a falta desse espaço que lhe são garantidos por lei e para que os pedagogos da instituição escolar atuem enquanto mediadores, é preciso que haja a construção de conhecimento da importância e utilidade desse ambiente e para isso é preciso que esse assunto esteja nas Universidades na grade curricular e nas formações continuadas.

A academia, com suas vastas e importantes pesquisas, são base para a educação que é fornecida nas Universidades e nas demais formações, e por isso, que preocupa o número de trabalhos encontrados nesta pesquisa, pois, surgem os seguintes questionamentos: esses temas estão sendo estudados nas salas das Universidades? A grade curricular está discutindo a problematização da leitura e do espaço da biblioteca escolar ser desmoralizado e petrificado a algo erudito como nos séculos passados? Está havendo a formação de mediadores de leitura, que muito além de educar, especificamente compreende esse fenômeno como libertador e transformador para os alunos?

Tais questões surgem ao relacionar o fato de que ao término de suas graduações, poucos são os que continuam seus estudos conceituando, discutindo e lutando por um fomento desse espaço e suas funções para os alunos nas escolas.

É evidente que ao procurar em outras plataformas de pesquisa, será encontrado diversos trabalhos sobre o assunto, não podendo desconsiderar os

grandes teóricos que trabalham esses temas e lutam por esse espaço de qualidade nas escolas.

Todavia, é necessário observar o que está sendo discutido nas formações iniciais, assim como, nas formações continuadas, referente a biblioteca escolar, sua legislação, sua estrutura, e as mediações que podem ser oferecidas nesse espaço para a formação de um leitor ativo e crítico.

Isso porque, se não houver esse tipo de discussão nas salas das Universidades e a provocação de buscar conhecimento sobre esses temas, poucos serão os que estarão na linha de frente na luta por uma educação melhor para os alunos, correndo o risco desse espaço ‘morrer’ nas instituições escolares e a mediação permanecer pífia nas salas de aulas, com aporte de livros didáticos e paradidáticos, assim como, uma educação técnica e não libertadora.

3.2 Da pesquisa qualitativa

Após uma análise quantitativa dos trabalhos analisados, nesse momento inicia-se uma análise qualitativa, enfatizando as principais contribuições que esses sete estudos trouxeram para essa pesquisa, assim como, para a academia, para as escolas, para as bibliotecas em todos os âmbitos e para a sociedade.

Importante mencionar a sociedade, pois é preciso compreender que todas as pesquisas devem ter uma função social, ou seja, retornar na práxis para a sociedade. Sendo assim, os conceitos, as discussões, as reflexões e as lutas constantes que os pesquisadores debruçam sobre o papel, devem voltar para o chão das escolas, das bibliotecas, das Universidades, das comunidades, da sociedade, conforme nos aponta Severino (2007, p. 24) ao dispor “[...] só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade se tais serviços nascerem e nutrirem da pesquisa”.

Sendo assim, segue a análise dos trabalhos:

3.2.1 O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: Formação e atuação – Rovilson José da Silva (2006)

[...] para a mediação eficaz é que a concepção de biblioteca esteja além de ser um simples depósito de livro, mas sim um espaço dinâmico, aberto às perguntas, às dúvidas, às descobertas, ao confronto de ideias e, principalmente, que a criança chegue ao livro (SILVA, 2006, p. 182).

Trata-se de uma tese apresentada como exigência para obtenção do título de Doutor em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, no campus de Marília, defendido no ano de 2006.

Atualmente Silva é doutor em Educação pela UNESP/Campus Marília-SP e UAB/Universidade Autônoma de Barcelona/Espanha. Graduou-se em Letras Vernáculas pela Universidade de Londrina -UEL, possui título de Mestre em Letras na área de Literatura e Ensino e Pós-doutorado em Ciência da Informação também pela UNESP/Marília.

Atua como Professor Adjunto D do Departamento de Educação/UEL, lidera o grupo de pesquisa “Leitura, biblioteca escolar e mediação pedagógica” e coordena o projeto de extensão “Formação do mediador de leitura da rede pública de educação”.

Suas experiências acadêmicas estão voltadas as áreas de Letras, Educação e Ciência da Informação, atuando primordialmente nos seguintes temas: leitura; literatura infantojuvenil; biblioteca escolar; formação de leitores; formação do mediador de leitura; e formação de professores e didática da língua portuguesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Quanto à obra, ainda que seja sendo do ano de 2006 é extremamente atual em suas discussões. O autor traz de maneira minuciosa a importância e o contexto histórico de temas como a leitura, a literatura, a biblioteca escolar e a mediação.

No que tange a leitura, Silva traz sua importância como instrumento para interação no meio social, quando dispõe que “a leitura possibilita ao indivíduo a interação com os bens culturais, com a informação e conhecimento e promove sua interação com o meio social” (2006, p. 17). Ou seja, iniciando pela leitura de mundo (FREIRE, 1989), passando para a leitura de imagem e chegando à leitura de escrita, o indivíduo vai formando sua função enquanto sujeito íntegro em sociedade.

Quanto a biblioteca escolar, o autor defende que as instituições devem utilizar esse espaço para que o aluno em formação de leitor ativo e crítico possa

ler; discutir o que foi lido; expor suas ideias e se abrir para a visão do outro, sabendo respeitar, mas também confrontar. Sendo assim, esse ambiente se torna imprescindível para receber aquele leitor em formação e o lançar para o mundo que o rodeia (SILVA, 2006).

Quanto à literatura, além de defender a utilização dos textos não literários e científicos na biblioteca escolar e nas mediações de leitura, pois, fazem parte do processo de aprendizagem do aluno, entende o texto literário como “a intermediação entre a realidade e a ficção, entre o leitor e o mundo, o que gera seu crescimento pessoal, intelectual, humano” (SILVA, 2006, p. 173).

E quanto a mediação, traz dentre muitas discussões, alguns requisitos básicos que todo mediador de leitura deve ter em sua atuação:

[...] consciência de uma concepção de leitura e literatura que proporcionem à criança o conhecimento de si própria e o encontro com outras maneiras de ver o mundo; concepção de biblioteca escolar como um espaço onde se compartilhe informação e lazer; além ter clareza de que a função a ser exercida exige que o mediador seja leitor. (SILVA, 2006, p. 182)

Silva atuou como professor da rede pública de Londrina no Ensino Fundamental e posteriormente teve a oportunidade de trabalhar em uma biblioteca escolar. Isso porque, na cidade londrinense esses espaços de leitura tem a atuação de professores.

Foi na práxis que o autor vislumbrou o que já era exposto em suas escritas acadêmicas, que muitas escolas não possuem biblioteca, as que existem muitas vezes são consideradas como depósitos e quando o espaço era utilizado em muitos casos a mediação de leitura não era exercida da maneira correta.

Impulsionado por essa problematização, Silva analisou as 79 escolas públicas municipais de Londrina para constatar quantas tinham biblioteca escolar, como estavam sua estrutura e a mediação de leitura exercida no local.

Após comprovar os déficits que existiam em escolas e bibliotecas, com apoio da Secretaria Municipal da Educação, com a Biblioteca Municipal e alguns arquitetos que atuavam na prefeitura da cidade, o autor iniciou construções de bibliotecas escolares e reformas que correspondiam com as orientações de uma adequada biblioteca.

Importante trazer uma provocação do autor no que se refere a estrutura da biblioteca escolar. É garantido por lei (12.244/2010) que todas as escolas

tenham esse espaço de leitura e ao tratar de escola pública é da obrigação do Estado promover políticas públicas que garantam a funcionalidade desse ambiente.

Todavia, Silva (2006) nos alerta para uma omissão quanto a estrutura da biblioteca nas instituições escolares, quando menciona,

Se pensarmos que as escolas públicas brasileiras são construídas, em sua grande maioria, sem que haja previsão, no projeto arquitetônico, para a construção da biblioteca, assim, dificilmente as escolas possuiriam espaço para acondicionar os livros e, principalmente, tornar o ambiente pedagogicamente adequado aos alunos. Assim, caberia à escola a responsabilidade de prover, e não ao Estado. (SILVA, 2006, p. 48-49)

Partindo dessa fala, nota-se a importância da participação do Estado no que se refere ao fomento da educação, começando pela estrutura da escola. Se vislumbrarmos a biblioteca escolar como uma segunda sala de aula, ou seja, um ambiente plenamente capaz de proporcionar a educação, a leitura, a cultura, entre outras aprendizagens, sua estrutura tem importância assim como a sala de aula.

Sendo assim, se em uma escola é preciso o espaço para a gestão, para a sala de aula, para a merenda escolar, para a quadra esportiva, o porquê a biblioteca ficaria de fora dessa lista? Ao analisar desta ótica é como se a instituição não estivesse completa, ou seja, faltando-lhe um membro crucial para a educação.

Ao analisar os dados escolares é vislumbrado que mais de 50% das escolas municipais no Brasil não tem em sua estrutura uma biblioteca, o que se pode entender que tais instituições desde o seu início já estão incompletas.

Com amparo no autor ora citado, quando há essa omissão do Estado, automaticamente esse problema se torna da escola e oficialmente da gestão. E é nesse momento que quando esse pedagogo tem em sua formação o conhecimento da importância desse espaço ele fará o possível para promover esse ambiente, porém, quando esse profissional desconhece a relevância dessa estrutura, encontramos instituições sem esse membro crucial ou utilizado como um depósito de livros didáticos.

É por isso que este tipo de discussão é importante nos documentos acadêmicos e transportados para os profissionais da educação por meio das formações, pois, é preciso que esses pedagogos saibam quais são seus direitos na instituição escolar e o que está sendo omitido por um Estado que em sua maioria, por meio de vários Governos, não vislumbram ser interessante a formação de um aluno leitor ativo, crítico, se tornando um cidadão íntegro e liberto das alienações que nossa sociedade tanto sofre.

Foi pensando nessas discussões que Silva após analisar as bibliotecas escolares, foi buscar o perfil dos professores atuantes nesses espaços. E constatou o que acontece em muitas realidades espalhadas pelo país: profissionais que estavam próximo de sua aposentaria ou com alguma enfermidade/debilidade que os impossibilitava de atuar em uma sala de aula, atuando nesse ambiente de leitura.

Importante destacar que para atuar em uma biblioteca escolar ou em qualquer ambiente educativo não deve haver restrições de idade ou de caráter físico. O profissional devidamente formado, está apto para trabalhar em qualquer ambiente. Todavia, o que está sendo apontado quanto aos profissionais que majoritariamente se encontram nesse espaço é que propositalmente aquele pedagogo que não está mais em sua plena capacidade de praticar o exercício de lecionar, logo, é transferido para o local que por concepções leigas não precisa de muito empenho, ou seja, basta ‘cuidar’ do local e anotar algumas informações que o trabalho está feito.

Com isso, profissionais são abandonados em um ambiente já esquecido e lá permanece sem uma atividade oferecida pelo espaço e automaticamente sem uma mediação adequada.

Pensando nisso, Silva, promoveu por 3 (três) anos uma formação continuada de professores denominado “Bibliotecas escolares: palavras andantes” com o intuito de reviver esse espaço e a vida desses profissionais.

Os resultados desse trabalho são de grande significância, pois mostram que é possível transformar o espaço da biblioteca escolar, como a mediação dos professores e automaticamente a formação de leitores.

Abaixo está um quadro retirado do texto ora analisado que demonstra os dados alcançados pela formação continuada.

Figura 2: Quadro com sinopse parcial de dados obtidos na formação “Bibliotecas escolares: palavras andantes” oferecido por Rovilson José da Silva.

Categorias	2002	2003	2004	Total
Nº de Professores Participantes	104	112	130	
Rotatividade professor na função PROB	-	31 =27,6%	34 = 26%	
Escola com acervo, mas sem biblioteca e sem atendimento: empréstimo e Hora do Conto	38	20	09	
Nº de escolas que declararam não possuir bibliotecas	16	09	04	
Nº de cursos	07	10	08	25
Horas de cursos Mensais	28 h	40 h	32 h	100
Palestras nos Encontros de BE anuais	02	04	03	09
Carga horária dos Encontros de BE anuais	08 h	16 h	12 h	36
Nº total de escolas participantes	79	79	79	79
Visitas as BE para assessoria pedagógica	11	15	11	
Aquisição de Acervo	8.195	---	3.860	
Empréstimos	72.248	151.707	285.329	

Fonte: Quadro retirado da tese “O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina: Formação e atuação” (SILVA, 2006, p. 114).

É possível verificar o aumento de professores participantes ao longo do curso; a queda de escolas que no primeiro ano de formação tinham acervo na escola, porém sem a estrutura de biblioteca e atendimentos como empréstimo e contação de história “Hora do Conto”; a queda do número de escolas que não possuíam biblioteca e passaram a ter após os anos de formação; e o aumento expressivo de empréstimo de livro.

O que pode ser constatado partindo desses resultados é que quando os profissionais da educação obtêm conhecimento e compreendem a importância da biblioteca escolar e de sua mediação de leitura, a utilização do espaço passa a fazer sentido e o prazer em proporcionar a leitura, a cultura e o aprendizado ao aluno se torna possível.

Além dos resultados quantitativos, o autor trouxe relatos de professores que elevaram sua autoestima profissional e compreenderam a importância do espaço em que atuam e sua mediação aos alunos. Os gestores e demais funcionários passaram a valorizar o ambiente de leitura e os profissionais que ali trabalham, ao vislumbrar o conhecimento ali construído e o trabalho que estava sendo oferecido.

Além disso, um aspecto muito comum em bibliotecas escolares foi sendo desconstruído por meio da aprendizagem, o chamado utilitarismo. Silva (2006, p. 174) relatou esse fenômeno nas escolas londrinenses,

Em Londrina também era isso que se sucedia, pois não havia a compreensão da perspectiva artística do texto literário e de como ele se relaciona com a criança. Quando inexistente a compreensão desses aspectos, há a probabilidade de que relação escola-arte transforme o artístico num arremedo excessivamente didático, cuja intenção predominante seja a de inculcar valores moralizantes nos pequenos em detrimento do estético.

Sendo assim, esse termo representa a falta de conhecimento do professor de que a literatura não tem uma finalidade e uma moral, mas sim, é libertadora, atinge o íntimo de cada um que lê, ouve e sente, e cada recepção será diferente, não cabendo exercícios didáticos de interpretar o texto ou utilizar para tarefas ortográficas e gramaticais.

Por meio da formação continuada promovida pelo autor ora citado, foi possível vislumbrar a quebra dessa prática nas atividades oferecidas nas bibliotecas escolares, o que afeta diretamente às salas de aula em que atingem os professores que nela atuam e traz o conhecimento de uma literatura que liberta e humaniza como nos ensina Candido (2012).

Além de atuar na cidade de Londrina, Silva teve a oportunidade de presenciar o funcionamento de bibliotecas escolares da cidade de Catalunha na Espanha. Antes de trazer a análise o autor descreve as questões históricas e culturais do país e da comunidade e mostra uma prática nos espaços de leitura muito diferenciado do nosso país.

Dessa forma, é muito valorizado o espaço das bibliotecas municipais e escolares nesse país e por isso, suas estruturas são devidamente adequadas para o uso dos cidadãos e alunos.

Por meio de relatos é notório a tecnologia inserida nas bibliotecas escolares, que possibilitam por exemplo, o aluno entrar no espaço de leitura, escolher um livro devidamente sinalizado no acervo e fazer o empréstimo por meio digital com um código de barras no livro.

Sendo assim, é possível concluir que essas bibliotecas vislumbradas em Catalunha por meio de suas estruturas já se configuram mediadoras de leitura³, pois, possibilitam por meio da disposição do acervo, da tecnologia empregada nos empréstimos, do conforto e acessibilidade de permanecer no local para ler e estudar, a participação ativa do aluno no espaço.

Todavia, assim como no sistema Londrinense, essas bibliotecas também contam com professores atuando no espaço e as atividades com caráter utilitário, como por exemplo, aplicação de prova após a leitura do livro.

Dessa forma, nota-se que mesmo havendo uma bela e adequada estrutura, a mediação oferecida pelos professores da biblioteca ainda é falho, ao tentar trazer uma função e pretexto para a leitura do que um momento de fluidez e intimidade com a literatura.

Por fim, Silva traz dois momentos de entrevistas, um com teóricos consagrados do tema, sendo dois brasileiros e dois espanhóis, respectivamente: Edmir Perrotti, Regina Zilberman, Teresa Colomer e Teresa Mañà. Cujas questões foram pautadas em a compreensão de mediação de leitura, a importância da leitura na formação infantil e a relação escola-biblioteca. Em outro momento, apresenta um diálogo com professores da rede básica de Londrina em que foi indagado informações sobre a formação acadêmica, a mediação de leitura e a atuação dos professores mediadores após as orientações advindas do projeto de formação.

Ao concluir a análise deste trabalho, é preciso enaltecer a importância deste estudo para a compreensão da importância da leitura, da literatura, da biblioteca escolar e da mediação para a formação de um leitor ativo, crítico, assim como, um sujeito íntegro. O percurso do autor desde sua atuação como professor até um formador de professores, mostra que quando acreditamos na educação e nos recursos possibilitadores para isso é possível alcançar grandes resultados e transformar a práxis encontrada nas instituições escolares.

³ No Projeto de Iniciação Científica elaborado por essa autora concluído no ano de 2019 com o título “Estrutura física e ações de mediação de leitura em uma biblioteca de uma escola municipal de Presidente Prudente” é defendido a ideia da biblioteca escolar ser uma mediadora quanto a sua estrutura, sendo assim, havendo a devida organização, administração, ludicidade e demais elementos que traga conforto e acessibilidade para o aluno, por si só ela é capaz de mediar o uso e a leitura da criança.

3.2.2 Mediadores e espaços de leitura: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente – Denise Alexandre Perin (2009)

A literatura presente na biblioteca escolar pode auxiliar o desenvolvimento mental e pessoal da criança e a resolução de seus problemas interiores. Um acervo de literatura especialmente preparado para a leitura é fundamental para “apontar caminhos” que levem ao sucesso no desenvolvimento das atividades pedagógicas objetivando a formação de leitores (PERIN, 2009, p. 22).

Trata-se de uma dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente-SP, defendida no ano de 2009.

A autora tem Graduação em Pedagogia, formada no ano de 1999 e título de Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho – UNESP/ Presidente Prudente obtido no ano de 2009. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Docência, Gestão e Administração de Unidades Educativas de Ensino Infantil e Fundamental. É autora de um livro intitulado “O canto da Leitura e a formação de leitores” da editora Canal 6, publicado no ano de 2014. Atualmente, atua como docente na Faculdade de Rancharia Grupo Universidade Brasil em disciplinas vinculadas aos anos iniciais da Educação Básica na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Quanto ao trabalho, a autora traz em sua metodologia a parceria com a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Presidente Prudente, em que faz um levantamento de quantas bibliotecas escolares existem nas 53 (cinquenta e três) escolas municipais ativas na época. Desse número de escolas, foi constatado que apenas 18 (dezoito) escolas continham biblioteca. Partindo desse dado Perin realizou um questionário e enviou para os professores procurando conhecer como era a mediação de leitura.

Dessas 18 (dezoito) escolas apenas 8 (oito) retornaram com os questionários respondidos, o que já resulta a falta de interesse ou impossibilidades administrativas das outras 10 (dez) instituições responderem.

A partir da pesquisa, a autora passa a definir a importância da leitura, da mediação de leitura e dos espaços de leitura. Iniciando por leitura, Perin entende como “elemento essencial à formação do sujeito para a vida em sociedade e exercício pleno da cidadania” (2009, p. 23).

Ao tratar da mediação de leitura, a autora traz três seguimentos de mediadores: a família, o professor e o bibliotecário. Iniciando pela família, Perin conceitua a tradição oral como origem da literatura e a importância da relação do contar histórias de geração em geração.

Ainda, defende que é importante a leitura dos pais para os filhos e que ao chegar na escola a criança que tem essa oportunidade de relação no lar, pode ter um melhor desenvolvimento na sua formação de leitor, por ter esse incentivo em casa.

Realmente a leitura de mundo, de imagem e posteriormente da escrita iniciada desde sua tenra idade, proporciona à criança uma postura e desenvolvimento pleno de um leitor ativo. Todavia, deve-se atentar quais lares têm a possibilidade de fornecer essa mediação de leitura. Ou seja, infelizmente ao observar o cenário de desigualdade social, a leitura e a literatura desde os primórdios esteve presente na posse dos que podem financeiramente, sendo assim, a população desprovida de uma melhor condição financeira não possui essa possibilidade de adquirir livros e mediar uma leitura a seus pequenos.

É óbvio que a oralidade permanece em nossas tradições e esse fenômeno é possível em qualquer residência, cada qual com sua riqueza de cultura, todavia, é realidade no nosso país, a pobreza e o analfabetismo que dificulta essa mediação em grande parte das casas brasileiras.

Sendo assim, é nítido a extrema importância da escola pública fornecendo educação de qualidade e a biblioteca escolar como possibilitadora dessa mediação de leitura, ressaltando que não apenas para as crianças, mas para a comunidade que tem direito desse acesso e se não possui a literatura em casa pode usufruí-la próxima de seu lar, conforme nos ensina Lopes (2014, p. 89),

Abrir a B.E para a comunidade é ampliar o espaço de leitura e fomentar o desenvolvimento social, é mister afirmar que a B.E é indispensável para a formação e proporciona o desenvolvimento cultural da comunidade escolar e da sociedade ao seu redor. Logo, favorecer o acesso de todas as pessoas a esse espaço, promove a leitura, a cidadania e a consciência cultural.

Retomando os conceitos da autora em análise, ela defende a importância do professor mediador ser um leitor ativo para só assim ter capacidade de formar um aluno. E quanto ao bibliotecário, tem como sua função básica a tarefa de

técnico administrativo, além de pedagogo, devendo se conectar com o professor em projetos e formação de leitura propostas na biblioteca escolar.

Ainda sobre a mediação do professor e do bibliotecário, a autora traz os resultados das respostas de 63 (sessenta e três) professores que responderam ao questionário enviado, que abordava sobre o conhecimento de leitura e mediação, obtendo como resposta majoritária a incompreensão do que significa leitura e a falta de mediação na prática docente, seja na biblioteca escolar ou na sala de aula (PERIN, 2009).

No que se refere aos bibliotecários, das 8 (oito) escolas que responderam 7 (sete) bibliotecários participaram de uma entrevista elaborada por Perin e como resultado é possível vislumbrar novamente a prática de profissionais readaptados devido alguma doença ou debilidade e em sua maioria uma mediação de leitura pífia pautada apenas na organização da biblioteca escolar. (PERIN, 2009).

Como exceção, a autora trouxe em um capítulo o relato de uma biblioteca que tinha uma mediação de leitura adequada, em que havia a organização, o empréstimo de livros e o momento da Hora do Conto. (PERIN, 2009).

Importante mencionar que a funcionária responsável pela biblioteca escolar tinha uma impossibilidade motora na mão, porém, com parceria das professoras da escola que realizavam o registro do empréstimo de livros, a bibliotecária mediava a escolha do livro pelas crianças e a contação de história.

Esse relato é de extrema importância, pois mostra que não há qualquer impedimento físico que limita alguém mediar em um espaço educativo. O que importa é o conhecimento e a postura de atuar enquanto mediadora de conhecimento. Contudo, o que não pode ser vislumbrado nas bibliotecas escolares espalhadas por esse país são funcionários que não são mais capazes de atuar em um espaço pedagógico, sendo esquecidos juntamente com o espaço de leitura.

Por fim, quanto aos espaços de leitura, Perin traz a importância da biblioteca escolar e abrange a possibilidade do uso do Cantos da Leitura.

Importante neste momento retomar o que foi discutido brevemente no desenvolvimento metodológico deste estudo. Isso porque o intuito desta pesquisa é o de quantificar e analisar as dissertações e teses que abordam os temas biblioteca escolar e mediação de leitura. Porém, no momento da busca

desses trabalhos, os descritores foram ampliados para sala de leitura e espaço de leitura, por entender que possivelmente algum teórico iria utilizar esses termos como sinônimo para o termo biblioteca escolar.

Sendo assim, neste estudo, como em alguns futuros que serão analisados, não haverá apenas a presença da biblioteca escolar como foco da discussão, contudo, estes demais termos não são desmerecidos, pois tratam de ambientes de leitura que possibilitam a formação de leitor.

Entretanto, julga-se necessário deixar evidente a caracterização de cada recurso educativo e não cometer o erro de comparar com a biblioteca escolar, devido sua ampla caracterização em acervo, espaço e disponibilidade de projetos de leitura, de ensino e de cultura.

Regressando ao texto em análise, a autora defende a biblioteca escolar, trazendo conceitos e legislações que ampara por direito sua estrutura e seu uso para a formação de um leitor e um sujeito íntegro em sociedade.

Quanto a esse espaço é conceituado,

No ambiente escolar, o espaço da biblioteca constitui um local ideal para a formação do leitor de literatura, uma vez que é durante esse período quando frequentam a escola, que o acesso dos alunos à variedade de livros é favorecido.

A literatura presente na biblioteca escolar pode auxiliar o desenvolvimento mental e pessoal da criança e a resolução de seus problemas interiores. Um acervo de literatura especialmente preparado para a leitura é fundamental para “apontar caminhos” que levem ao sucesso no desenvolvimento das atividades pedagógicas objetivando a formação de leitores (PERIN, 2009, p. 22).

Quanto ao Canto da Leitura, a autora inicia a ideia de que a sala de aula é um espaço dinâmico, devendo proporcionar convivência, interação e criatividade coletiva. Opondo a sala de aula no estilo bancário (FREIRE, 1987), em que não há liberdade para o aluno, esse ambiente deve ser ambientado, interagido e organizado de tal maneira que todo seu espaço possibilite fonte de conhecimento.

Sendo assim, Perin (2009, p. 47) traz o conceito de,

[...] o Canto da Leitura pode ser organizado em uma estante, um armário, uma prateleira ou uma caixa dentro da sala de aula, contendo conjuntos de textos de que as crianças necessitam para desenvolver um trabalho também de acordo com os

projetos pedagógicos propostos pela escola, com uma ampla variedade de materiais de leitura.

Ao relacionar a biblioteca escolar e o canto da leitura, a autora manifesta uma fala que não faz parte da minha convicção enquanto pesquisadora, ao defender que na “ausência da biblioteca como espaço específico de leitura e informação pode ser **compensada** se a sala de aula for planejada de forma intencional à sua semelhança, com a criação dos chamados Cantos da Leitura” (PERIN, 2009, p. 22, grifo nosso).

Todavia, ressalta a importância da biblioteca escolar ao declarar “que o canto da leitura não deve substituir a biblioteca escolar, uma vez que ambas apresentam objetivos e características diferenciadas” (PERIN, 2009, p. 48).

O que pode ser pontuado referente a esses dois espaços é que nitidamente a biblioteca escolar possui uma estrutura completa que abrange todos os outros recursos de espaços de leitura. É compreensível quando a autora alega que na ausência de uma biblioteca na escola seja oferecido um espaço que traga a formação de leitor ao aluno. Porém, essa declaração deve ser compreendida com cautela, pois, pode abrir margem para o Estado (comandado por Governos que não cumprem seu papel com políticas públicas em fomento a biblioteca escolar), para as escolas (que muitas vezes se omitem no exercício de sua função administrativa de cobrar por melhorias na escola que atua), para professores (que por falta de conhecimento não atuam nesse espaço e não medeiam corretamente) e para os funcionários da biblioteca escolar (que em sua maioria são depositados no espaço assim como o acervo), se acostumarem e oficializarem o canto da leitura como um recurso que basta para a formação de leitores.

O que deve ser compreendido é que enquanto a escola por meio de seus direitos vai em busca de políticas públicas que traga o fomento a estrutura, ao acervo e a profissionalização correta da biblioteca escolar, a instituição fornece outros espaços que permitam a conexão do aluno com a leitura.

No que se refere ao canto da leitura, ainda que a autora traga a concepção de que esse recurso pode ser realizado em armários, prateleiras ou demais espaços da sala de aula, defendendo a alteração desse nome para Biblioteca de Sala de Aula, isso porque, entendo que o nome “Canto de Leitura” pode ser apenas uma expressão e que a prática pode ser ampla, porém novamente essa

terminologia pode gerar alguns empecilhos na formação da leitura e da aprendizagem.

O que é defendido neste momento é a amplitude e a tomada da leitura em todo espaço da sala de aula, por mais que pareça eufemismo, a leitura não deve estar em um canto, mas no todo desse ambiente, e não apenas em um momento literário, de contação de história ou nas disciplinas de Língua Portuguesa. A leitura está na interdisciplinaridade das disciplinas e conteúdos e nos seus diversos gêneros traz a formação de um leitor ativo e crítico, como também um sujeito íntegro apto a conviver em uma sociedade.

Amparada a relatos expostos pela autora nos questionários que os professores responderam, muitos alegaram que não possuíam canto da leitura por não haver espaço; que o canto da leitura se configurava em uma caixa contendo livros, jornais, folhetos, entre outros materiais; e que o canto da leitura era utilizado no momento em que os alunos terminavam suas lições e iam buscar livros enquanto os demais findavam suas atividades. (PERIN, 2009)

Ao vislumbrar esses relatos é notória a sensação de obrigatoriedade de alguns professores de ter que disponibilizar um canto da sala para oferecer esse recurso. O que deveria ser compreendido pela maioria dos docentes é que os livros, a literatura, os demais recursos textuais capazes de formar e ensinar os alunos devem estar presentes na sala de aula independente de uma nomenclatura de canto da leitura.

É por isso que defendo o termo Biblioteca de Sala de Aula, uma vez que tem caráter completo que a biblioteca escolar contempla, leva esse conceito a sala de aula, ampliando o espaço que esse acervo pode estar disponibilizado e adentrando no todo do ambiente, não ficando metaforicamente apenas em um canto da sala.

Pode surgir a questão de: mas a Biblioteca de Sala de Aula não pode substituir a biblioteca escolar? Ao meu entendimento pelo contrário, é a possibilidade de conexão direta entre os dois espaços, visto que é sabido que os funcionários da biblioteca escolar em sua maioria não atuam em parceria com os professores.

Sendo assim, esse espaço de leitura poderia ser disponibilizado oficialmente em uma prateleira ou armário, proporcionando os alunos terem a responsabilidade de organizar e administrar o acervo, ocasionando o fenômeno

de cada sala ter a sua biblioteca particular, única, com as características individuais daquela turma, proporcionando um elo afetivo ao termo biblioteca e conectando o aluno da sua biblioteca particular à uma biblioteca comunitária.

O abastecimento poderia ser feito da mesma forma como a autora mencionou no texto, com parceria dos pais, da gestão, dos professores, e ainda poderia ter a conexão direta com a biblioteca escolar.

Pode parecer irrelevante tal ideia, porém, a inserção de uma palavra juntamente com uma experiência tão vívida no cotidiano dos alunos possibilita o íntimo com o termo biblioteca de sala de aula - biblioteca escolar – biblioteca municipal – até a sua própria biblioteca no seu lar.

Outra questão que pode diminuir a valorização da leitura e dos livros cada qual em seu gênero textual é a aglutinação de todo o acervo em uma caixa, não possibilitando ao aluno a diferenciação da importância de cada texto, ou seja, um livro literário misturado com um folheto, pode construir na mente da criança uma igualdade de valor estético, pois não há uma organização e orientação da relevância de cada texto.

Outra observação que pode ser feita é o momento em que os alunos usufruem dessa leitura. Isso porque, se o primeiro aluno da sala termina sua atividade possivelmente ele não tem tanta dificuldade como o que está ainda realizando a tarefa. Sendo assim, tem-se a possibilidade da criança com menos dificuldade de aprendizagem ter a oportunidade de ler um livro enquanto o que possivelmente precisava mais daquele momento (para fomento de sua aprendizagem) correr o risco de não conseguir ler porque já está no final da aula ou no início de uma nova atividade.

Dessa forma é preciso que esse momento seja estabelecido para que todos usufruam e com a mediação do professor. Ressaltando que esse espaço não precisa ser necessariamente para leitura deleite, mas como um apoio para as atividades de qualquer disciplina e conteúdo. Lembrando que não substitui as atividades, leituras e buscas de trabalhos realizados na biblioteca escolar, visto sua amplitude e a mediação do funcionário que deverá ter seu planejamento e programação que inclua os alunos nesse espaço que é a base de leitura da escola.

Partindo para outra ótica do trabalho ora analisado, julga-se necessário mencionar a ausência da gestão na discussão realizada pela autora. Ressalta-

se que não por falha da pesquisadora em dialogar com esses profissionais, mas sim, a omissão de um fomento na formação dos professores que responderam ao questionário e em sua maioria não obtinham conhecimento suficiente para mediação em sala de aula e na biblioteca escolar.

É preciso compreender que a participação ativa da gestão escolar no fomento da biblioteca escolar e da mediação de leitura é muito importante. Ao lutar por políticas públicas que tragam melhorias para esse espaço e ao proporcionar formações continuadas e discussões sobre essas práticas com os professores e funcionário da biblioteca escolar, o gestor também está atuando enquanto mediador de leitura, mesmo que indiretamente sua função está auxiliando na formação do aluno enquanto leitor.⁴

Quanto à participação do gestor nas ações da biblioteca escolar, Bortolin e Gomes (2011, p. 160) afirmam que

[...] na comunidade escolar as iniciativas das autoridades (direção, supervisão, professores e bibliotecários) são fundamentais para a formação de leitores e sem uma biblioteca compatível com a comunidade escolar, dificilmente um trabalho de leitura terá êxito.

No que tange à formação de professores, esse texto se conecta ao já analisado e escrito por Silva (2006), pois a formação que ele proporcionou a professores de toda rede pública municipal de Londrina, solucionou problematizações presentes e expostas por Perin nesse texto. Ou seja, prova-se a necessidade de um estudo específico trazendo a importância desses assuntos aos docentes.

Finalizando essa análise, a autora mostra uma realidade de uma década atrás que ainda nos dias atuais permanecem as problematizações da valorização e da prática da biblioteca escolar e uma mediação de leitura adequada para a formação do aluno leitor. Todavia Perin, traz consigo conceitos que vão ao encontro de tudo que está sendo defendido neste trabalho e mostra que sua pesquisa não apresenta apenas a triste realidade, mas um diagnóstico

⁴ No Projeto de Iniciação Científica elaborado por essa autora concluído no ano de 2019 com o título “Estrutura física e ações de mediação de leitura em uma biblioteca de uma escola municipal de Presidente Prudente” é defendido que a gestão da escola pode realizar uma mediação de leitura indireta, no sentido de buscar fomento para o espaço e formações continuadas para os professores e profissionais que atuam no local.

de um problema que podemos solucionar com muito estudo e práxis do que defendemos em nossas escritas.

3.2.3 Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando – Sueli Bortolin (2010)

[...] só os que tiveram o privilégio de narrar histórias e observar *olho no olho* a reação de encantamento do ouvinte, mesmo os adultos que, em geral, se fecham em suas cascas de maturidade, com medo de permitirem a si momentos de prazer com um texto literário, sabem quão saudável é integrar-se e entregar-se a essa atividade. Atividade que além de compor nosso patrimônio oral pode reatar o fio que liga o passado e o presente e constrói a temporalidade pessoal do cidadão-leitor.
(BORTOLIN, 2010, p. 60)

Trata-se de uma tese apresentada como exigência para obtenção do título de Doutora em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, no campus de Marília, defendido no ano de 2010.

A autora possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina obtida no ano de 1981. É Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho com titulação no ano de 2001. E possuiu no ano de 2010 o título de Doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Atualmente faz parte do corpo docente do Programa de Mestrado e Doutorado do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina e do Observatório Social da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação.

Atua como professora adjunto nível ad-c da Universidade Estadual de Londrina e tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase no Compartilhamento da Informação, atuando principalmente nos temas: mediação de leitura, leitura, biblioteca escolar, literatura infantojuvenil e mediação da informação.

Iniciando a análise textual, julga-se necessário antes de mencionar a contribuição conceitual que a autora traz, é preciso exaltar a beleza da escrita do trabalho. Bortolin escreve sua pesquisa utilizando uma quebra de linguagem acadêmica e insere elementos textuais como relatos e lembranças de sua vida pessoal; insertos de livros literários; poesias; menções a filmes, séries e obras de arte; deixando sua obra acadêmica com um prazer de apreciar, não apenas

pelos importantes conceitos emergidos, mas como também sua presença vívida enquanto ser humano.

Como exemplo da beleza textual, abaixo constará os dois primeiros parágrafos que iniciam o trabalho e que já mostra o que pode se esperar de toda pesquisa.

Ouçõ vozes na minha cabeça, pois tenho dentro de mim vozes ancestrais, vozes que me acompanham desde o instante em que as partículas pequenas de meus pais se comunicaram e decidiram que eu iria nascer. A vida é uma eterna construção. Hoje construo esse texto que será entregue para uma avaliação, portanto tenho que me preocupar com a expectativa de alguns expectadores. Fico no aguado de pessoas que após ouvir a minha voz, soltarão as suas (BORTOLIN, 2010, p. 15).

Em meio a beleza de sua escrita, a autora traz apontamentos sobre literatura escrita e oral, utilizando da maior parte de seu trabalho para conceituar oralidade, assim como, trata da mediação e do bibliotecário.

Sendo assim, Bortolin conduz uma discussão em que o termo literatura escrita e oral não precisariam coexistir, visto que a literatura aborda o todo, ou seja, o ler, o ver, o ouvir, o escutar, o sentir, o tocar, entre todos os outros sentimentos inerentes ao homem.

Dessa forma, a autora utiliza em seu trabalho as palavras literatura e/ ou narração oral, optando por não utilizar o termo literatura oral, pois mesmo sendo derivada da palavra letra, implicando assim, na escrita, desde o início das civilizações as obras literárias só existiram por meio da voz, do canto, da recitação e da leitura em voz alta (BORTOLIN, 2010).

Partindo deste entendimento que a autora utiliza de grande parte de seu texto para definir a oralidade, transcendendo a algo muito maior que o ouvir e o escutar, pois, em meio a pesquisa cita por exemplo a capacidade de pessoas com deficiência auditiva “ouvirem” por meio da vibração que o som causa no corpo (BORTOLIN, 2010).

Com isso, Bortolin define oralidade como

[...] toda comunicação em que o indivíduo utiliza seu suporte vocal e corporal, sendo no exercício diário de uma profissão, como advogado, professor, jornalista das mídias não impressas (só para citar algumas) ou numa manifestação oral espontânea (2010, p. 21).

Tal definição não faz jus a tudo que é explanado sobre oralidade no trabalho. Portanto julga-se necessário ressaltar um termo elaborado pela própria autora que está ligado ao conceito de oralidade: a oralisfera.

Oralisfera é uma palavra que criei após ouvir as vozes de estudiosos da narrativa oral. Ela representa a somatória da palavra *oralis*, que provém do latim *oris* = boca, que eu somei à palavra *sfera*, do grego *sphaira* que pode ser traduzida como: camada, espaço, envoltório ou ambiente. Essa inspiração veio da palavra atmosfera, que é o envoltório gasoso existente em nosso planeta. Com ela quero destacar a existência de uma atmosfera envolvendo o ato da oralidade (BORTOLIN, 2010, P. 22).

Com isso, a autora tem o objetivo de que todas as pessoas envolvidas com as narrativas orais literárias compreendam o quanto é importante a construção dessa atmosfera com a participação coletiva do leitor-narrador, leitor-ouvinte e os demais sujeitos e elementos que compõem o ato da oralidade (BORTOLIN, 2010).

O que ela pretende é que o ato da leitura e da narração oral atinja todo o sujeito, na voz, no corpo, no movimento, na respiração, no ruído, no som, no cheiro, no gesto, no olhar, no sussurro, na pausa e no silêncio. Ou seja, toda essa recepção faz o momento da leitura e da narração oral um momento único para o sujeito que logo terá o prazer de cada vez mais sentir o que a literatura pode oferecer no subjetivo de seu ser.

Partindo da análise do texto, único elemento que acredito ter faltado no conceito da oralidade, visto que foi levantado sua origem, foi a citação da importância da oralidade presente ainda nos dias de hoje no continente africano.

Sendo ele o berço do mundo, a oralidade é presente desde o início dos séculos nesse continente, cujo cada comunidade traz consigo até hoje culturas e tradições referente a oralidade presente na história e na contação de vida de seu povo.

Tem-se como exemplo a importância da história contada na África Ocidental, que antes da chegada dos árabes e dos europeus, as primeiras sociedades em torno do século X não conheciam a escrita, por isso, todo conhecimento era guardado na memória de “especialistas” conhecido como *griôs*, ou seja, eram os guardiões das histórias que transmitiam o que sabiam a seus sucessores (BADOE; DIAKITÉ, 2011, p. 89).

Dessa forma, é preciso que nós pesquisadores fiquemos atentos com a inserção proposital de apenas conceitos eurocêntricos em nossas pesquisas, esquecendo a origem do ser humano e um continente rico de história, cultura e contribuição social e educativa, como o afrocentrado.

Neste momento, deve ser ressaltado um fenômeno que será comum nesta análise, como já mencionado no texto de Perin (2009) e na metodologia, não serão todos os trabalhos apresentados que conterão de maneira específica os temas biblioteca escolar e mediação de leitura. E isso ocorre neste trabalho, pois, como mostrado no perfil da autora, Bortolin é formanda em Biblioteconomia e todo seu estudo acadêmico está voltado para os elementos conceituais desse curso. Com isso, a pesquisadora trabalha a mediação oral e o bibliotecário, todavia, não necessariamente o que atua na biblioteca escolar, mas sim, aquele que pode desempenhar seu papel da escola à uma empresa.

A leitura, a análise e a inserção das contribuições deste texto constam neste estudo, devido a riqueza do que foi trabalhado no que tange a literatura e no que será apresentado no tocante a mediação e a figura do bibliotecário. Sendo assim, é preciso que seja absorvido os ensinamentos de Bortolin aplicando nos nossos temas em questão, ou seja, é possível trabalhar a mediação oral em uma biblioteca escolar e o papel do bibliotecário aqui ofertado pode ser aplicado por um funcionário e professor da escola.

Partindo dessa observação, a autora no que se refere a mediação nos explica que,

Um aspecto fundamental para a mediação literária, seja ela oral ou não, é que os mediadores devem realizar leituras, fazer pesquisas, buscar subsídios no sentido de aprender os diferentes significados de leitura, conhecer as múltiplas linguagens, analisar textos de diferentes gêneros, entender as fases psicológicas dos leitores e também descobrir como acontece a recepção de um texto por parte do leitor (seja lendo ou ouvindo) (BORTOLIN, 2010, p. 84).

Como já mencionado, a autora é da área de Biblioteconomia, sendo assim, traz no texto a amplitude de possibilidades de mediações que constam na área da Ciência da Informação, sendo elas: mediação da informação, mediação cultural, mediação da leitura, mediação pós-custodial, mediação documental, mediação profissional, mediação do conhecimento, mediação do objeto cognitivo, mediação digital e mediação do espírito.

É de grande valia para a construção do conhecimento saber que exista essa ampla noção de mediação que está em sua totalidade propondo o desenvolvimento pleno do ser humano.

Como não é do interesse da autora conceituar todas essas mediações, a mesma se limita a mediação da informação, muito utilizada pelos bibliotecários em todas suas áreas de atuação e a mediação oral da literatura.

No que tange a mediação da informação de acordo com Bortolin “o leitor age ativamente no momento de se apropriar da informação e o profissional envolvido na mediação da informação não é neutro, pois recebe influência do leitor e o influencia” (2010, p. 124)

Sendo assim, pode-se entender essa mediação com um objeto mediado amplo, ou seja, toda informação, de todos os gêneros textuais, pode ser usufruída pelo sujeito em uma biblioteca com a interação de um bibliotecário promovendo essa fruição.

No que se refere a mediação oral da literatura a autora inicia seu entendimento defendendo que não pode se limitar apenas à contação de história, ressaltando que tal ato é muito presente nas bibliotecas escolares e infantis, mas que “o bibliotecário precisa abrir espaço para o *lido ser discutido*, oportunidade em que o leitor poderá trocar ideias, discutir personagens, refletir a produção literária, estilos, gêneros, criando uma rede em torno da literatura” (BORTOLIN, 2010, p. 139).

Com isso, ligada a terminologia ampla da oralidade, a autora defende que essa espécie de mediação não significa apenas contar ou ler em voz alta uma história, mas o oral aqui empregado está se referindo a todas as sensações que o texto pode remeter ao leitor, e que o mediador pode submeter esse sujeito a essa epifania, de compreensão, de discussão, de diálogo, da troca de conhecimento, entre outras manifestações que essa conexão pode causar.

Bortolin, por estar no meio acadêmico da Biblioteconomia, explicita que é mais comum entre os bibliotecários formados a mediação da informação que está pautada no texto, do que mediações como exemplo da oralidade da literatura, isso porque, no curso não é muito trabalhado essas questões subjetivas que o texto pode causar, engessando apenas em assuntos técnicos, administrativos e voltados para o acervo do que para o ser humano. Esse relato é muito interessante para este estudo, pois particularmente, há 3 (três) anos

venho defendendo a atuação do bibliotecário nas bibliotecas escolares por ter noções administrativas, técnicas e educativas.

Ao deparar com essa realidade, não deixo de permanecer com essa defesa, visto que a mesma está amparada no disposto da lei 12. 244/2010. Porém, o que se pode definir ao ler o texto do Rovilson (2003), da Perin (2009) e agora da Bortolin (2010) é que todas as instituições universitárias que abrigam essa discussão estão desprovidas de uma grade curricular que aborde de maneira completa e eficaz a importância da leitura, da literatura, da biblioteca escolar e da mediação de leitura.

Com isso, é de extrema importância formações continuadas como a oferecida pelo Rovilson (2003) em seu trabalho, pois, se na formação inicial não foi possível a construção completa desse conhecimento, como diria Paulo Freire (2002), o professor jamais deixa de ser um pesquisador e isso equivale para os outros profissionais da educação que sempre precisarão de novos conhecimentos para lidar com o ensino e a aprendizagem que é algo tão dinâmico.

Ainda defendo a figura do bibliotecário nas bibliotecas escolares, por ter em seu conhecimento, técnicas administrativas que poderão fomentar a estrutura do espaço, todavia, se por hora isso não está sendo cumprido e professores e/ou profissionais readaptados estão tomando posse dessa função, que todos tenham o acesso a formações que os capacite para serem mediadores plenos em sua função.

Com isso finalizo a análise deste texto, enaltecendo a poesia em forma de trabalho acadêmico que foi exposto por Bortolin, a riqueza de conteúdos e aprendizados principalmente focados na importância da oralidade. E como está sendo feito desde o início dessa análise a ligação com os demais textos, entendo que a teoria exposta neste pode ser fruto de muitas formações para inúmeros profissionais da educação e que essa formação possa alcançar os bibliotecários expostos neste trabalho que tem um rico conhecimento textual, mas pode ampliar sua relação com o pessoal e o subjetivo de si e do próximo.

3.2.4 Leitura, literatura infantil e estratégias de leitura no contexto escolar: concepções e práticas – Vanessa Bataus (2013)

O ato de ler é uma das primeiras formas de questionamentos do ser humano como sujeito. Seu diálogo com o texto é o caminho para sua tomada de consciência, uma vez que pela interpretação, há o compreender-se e o transformar-se do próprio leitor. Cada leitor passa a existir e ganhar sua individualidade a medida do desvelar e do vivenciar dos sentidos mediados por todo o seu conhecimento prévio e experiências vividas (BATAUS, 2013, p.113).

Trata-se de uma dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, no campus de Marília, defendido no ano de 2013.

A autora é mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, do Campus de Marília, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, sendo graduada em Pedagogia pela mesma Faculdade.

Integra o grupo de pesquisa Processos de Leitura e de Escrita: Apropriação e Objetivação – PROLEAO. É Diretora na rede municipal da cidade de Marília e atua na formação de professores da Secretaria Municipal da Educação de Marília.

A metodologia aplicada por Bataus nesse trabalho foi o de acompanhar uma formação de professores, ministrada pela Coordenadora Pedagógica da escola e o método de entrevistas com professores e alunos da mesma instituição.

Importante ressaltar que a autora atuava como professora na mesma escola em que realizou a pesquisa, sendo assim, a relação com as profissionais da instituição foi muito interativa, participativa e confiante.

Esse texto ora analisado, segue a linha de outros trabalhos mencionados acima que não vislumbram completamente os temas biblioteca escolar e mediação de leitura. Como poderá ser vislumbrado no contexto dessa análise, a escola que Bataus fez sua pesquisa, possui biblioteca escolar, porém a mesma não contém uma adequada mediação de leitura. Isso porque a atividade oferecida é apenas o empréstimo de livros e o método dos alunos pegarem os livros não contém autonomia ou democracia, visto que a funcionária ou estagiárias do espaço entregam determinadas obras pré-selecionadas às crianças, para daqueles escolhidos poderem ser emprestados (BATAUS, 2013).

Porém, o motivo desse texto compor esse trabalho é que se trata da mediação de professores no que se refere a leitura e a literatura e como essa

pesquisa buscou conhecer o que estava sendo discutido no âmbito da mediação, sendo assim, o que será abordado nessa dissertação pode contribuir para a construção de conhecimento de quais as ações necessárias que os docentes podem exercer na biblioteca escolar concomitantemente à sala de aula.

Junto com a práxis na pesquisa, Bataus trabalha conceitos como literatura, formação continuada e estratégias de leitura. Assuntos que já foram abordados nos trabalhos ora analisados e que com certeza será mais uma grande contribuição para o presente estudo.

Iniciando pela problematização da leitura, a autora traz a realidade de que “antigas concepções e práticas ainda permeiam nosso contexto educacional, o que resulta na formação de crianças que sabem decodificar o escrito, porém não atribuem sentido à leitura” (BATAUS, 2013, p 19). Por isso é importante a participação dos mediadores de leitura, pois podem proporcionar o diálogo, o conhecimento prévio e a compreensão do que lê para ótica do aluno.

Ainda trazendo a realidade em muitas escolas e o conceito da literatura, Bataus nos ensina que

[...] nem sempre a obra literária é concebida e utilizada como objeto estético e de fruição, de maneira que seu uso se pautar no fim social para o qual foi criada, e não como pretexto para ensinar determinados conteúdos pedagógicos e até mesmo morais, em detrimento da atividade literária, que envolve o diálogo da criança com o texto (escrito e imagético), amplia sua possibilidade de imaginar, de questionar (o próprio texto e o que a cerca) e de relacionar as histórias que lê/ouve com acontecimentos de sua própria vida (BATAUS, 2013, p. 19).

Com isso sem o conhecimento e a mediação adequada, a estética e a subjetividade da literatura tão importante para a construção de conhecimento e de ser humano do aluno é substituído por um ensinamento mecanizado e moralista.

A autora acredita que essas discussões que estão sendo levantadas quanto a importância da leitura, da literatura e da mediação é algo recentemente abordado na educação e inserido na escola como elemento verdadeiramente capaz de trazer o conhecimento e a formação do aluno e por isso justifica que principalmente os professores que tiveram sua primeira formação há um longo tempo podem não ter tido a oportunidade de acrescentar essa relevância

educacional em suas ações docentes e é por isso que se deva ter a formação continuada (BATAUS, 2013). Ainda complementa que

[...] a formação continuada, desde que garanta aos professores bases teóricas acerca do conceito de leitura e da formação de leitores, é uma oportunidade de mudança de concepções e, conseqüentemente, práticas no que diz respeito ao ensino do ato de ler (BATAUS, 2013, p. 60-61).

Com isso, pode-se entender que no passado esse assunto não esteve nas discussões universitárias, porém, nas últimas décadas vem aumentando excelentes trabalhos que fomentam essas questões nas escolas e que já são extremamente passíveis de estarem nas salas acadêmicas. Todavia, se por algum motivo o professor não pode contemplar de maneira efetiva o conhecimento teórico e prático desse assunto é de seu direito ter possibilidades de uma formação continuada, assim como, dever enquanto eterno pesquisador buscar novas aprendizagens que auxiliem sua prática educativa.

Arelado a mediação de leitura, existem as estratégias que o professor e o bibliotecário podem trabalhar com seus alunos para facilitar a recepção e fruição do que se lê. A autora, então, nos ensina que,

[...] para que o aluno pratique a leitura como atribuição de sentido, precisa aprender certas atitudes que fazem parte da conduta leitora experiente, e o professor pode ter um papel fundamental nesses processo, servindo como modelo de leitor para seus alunos, ensinando-lhes ações intelectuais que lhes permitam colocar a compreensão como objetivo de sua leitura, mobilizando várias estratégias de leitura para atingir esse objetivo, colocando em prática diferentes operações mentais no ato de ler (BATAUS, 2013, p. 62).

A formação de professores foi pautada no capítulo intitulado “Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreenderem o que leem” de Girotto e Souza, do livro “Ler e compreender: estratégias de leitura” de (Souza, et all, 2010). Porém, os encontros foram realizados no final do ano, dessa forma, não foi possível trabalhar todas as estratégias apresentadas no texto, sendo assim, a coordenadora pedagógica optou por trabalhar com duas estratégias: inferência e visualização.

Bataus deixou nítido no seu texto que a coordenadora pedagógica não havia feito formação ou estudo mais aprofundado sobre o tema (BATAUS 2013), com isso, as discussões foram feitas com uma teoria rasa, disponibilizada em

power point, porém, sem aprofundamento de conhecimento e uma forte presença de ensinar uma prática mecânica aos professores, que ao participar daquele momento reproduziriam aos seus alunos.

Além da falta de conceito e construção de conhecimento do tema, a coordenadora pedagógica alegou que a estrutura da formação sendo mais prática possibilitaria os professores se interessarem pela reunião sem se dispersarem ou perderem o interesse de obterem aquele ensinamento.

Nesse sentido, tais situações são extremamente preocupantes, minimamente em dois aspectos: o primeiro que por mais que tenha sido uma excelente atitude da coordenadora pedagógica ter agido em favor do fomento da leitura na escola, para poder formar algum indivíduo é necessário o mínimo de formação para efetuar esse momento com êxito. Sendo assim, poderia ter sido feito o convite a algum profissional, pedagogo ou pesquisador, que tivesse noções conceituais e práticas do assunto para auxiliá-la no diálogo.

É importante compreender que é preciso, na formação, que se conheça o currículo educacional da instituição, a própria escola, os profissionais e principalmente os alunos, pois, somente assim, será possível obter construção de conhecimento e fomento às problematizações da instituição.

Esse entendimento pode ser sustentado nos ensinamentos de Leite (2011) quando nos traz,

Nesse sentido, a formação dos professores precisa ser pensada a partir do contexto de seu trabalho, não podendo concebê-la descolada ou distanciada da reflexão crítica acerca da realidade da escola. É preciso refletir sobre essa dimensão através de propostas curriculares, de atividades que permitam a compreensão da dinâmica e das relações que se estabelecem no contexto do trabalho docente (2011, p. 40-411)

Como segundo aspecto, tem-se a preocupação da coordenadora pedagógica em proporcionar uma formação que chamasse a atenção dos professores a ponto de que os mesmos não perdessem o interesse pela discussão. Novamente, citamos o educador Paulo Freire (2002), pois ele salienta que um professor é também um pesquisador e essas duas funções não se separam. Dessa forma, entende-se incabível a necessidade de uma gestora ter que se desdobrar didaticamente para construir um conhecimento a seus colegas, pois têm o interesse de aprender tão fragilizado.

Com isso, é preciso, enquanto profissionais da educação, que tenhamos a consciência de que buscar o conhecimento para o fomento da educação nunca será esgotado. Precisa-se estar atento às inovações educacionais e às lacunas que ainda não foram solucionadas que impedem uma educação de qualidade nas escolas. O professor é o principal personagem na aprendizagem do aluno e tem que ter em mente a importância dessa função, necessitando constantemente buscar novos conhecimentos para melhorar sua prática.

Quanto a formação, como já foi mencionado, sua metodologia foi pautada na prática, sendo assim, houveram muitas experiências de leitura e estratégias com os professores, para que os mesmos aplicassem em suas salas de aula.

O resultado não foi majoritariamente positivo, visto que muitos docentes por não compreenderem verdadeiramente o conceito, aplicavam exatamente o que presenciaram na formação, utilizando em sua maioria até os mesmos livros utilizados nas discussões, e isso resultou em uma recepção deficitária, visto que, é preciso compreender que com cada indivíduo a literatura terá uma percepção diferente, sendo assim, o livro a ser utilizado e a didática utilizada no que se refere as estratégias irão depender de cada criança, ou no caso de uma sala de aula, do perfil da turma.

Isso quer dizer que, para o professor trabalhar a leitura, a literatura e as estratégias com seus alunos, é preciso conhecê-los, saber qual nível de conhecimento os mesmos estão, quais os gêneros literários que mais gostam, quais livros se interessariam para contribuir em uma satisfatória estratégia e qual melhor atividade traria o verdadeiro conhecimento às crianças.

Com isso, quando não se conhece profundamente a teoria, corre-se o risco de a prática ficar mecanizada e o professor frustrado com uma recepção dos alunos que não foi a mesma que ele presenciou em sua formação, situação que foi mencionada por uma das professoras que participou das reuniões e acreditou não ter êxito na sua prática (BATAUS, 2013).

A autora retrata a falta de conhecimento de alguns professores ao trazer na entrevista o entendimento de alguns docentes de que a leitura é uma decodificação de signos. E esse entendimento conecta-se a falas de algumas crianças entrevistadas que ao serem questionadas sobre o que é a leitura, algumas respostas foram juntar as sílabas, formar as palavras e oralizá-las (BATAUS, 2013).

Ainda nessa questão, uma resposta interessante que nos remete ao que Perin (2009) nos trouxe é a presença importante da mediação da família no primeiro contato com a leitura. Isso porque uma aluna alegou que lia e ouvia histórias com sua mãe e ao compreender leitura não entende como a junção de sílabas, mas sim, ler o texto todo como uma unidade de sentido, buscando entender o que lê.

Essa declaração mostra que a leitura está presente na vida da criança desde sua tenra idade, pois, inicia-se com a leitura de mundo. E no seu contexto familiar se há práticas que incentivem a relação com o livro e principalmente com a literatura o perfil de aluno será diferenciado na escola.

Contudo, novamente é preciso reconhecer que não são todas as famílias que tem condições financeiras, sociais, culturais e educativa de mediar a leitura da maneira correta a seus pequenos, ficando como principal responsabilidade a escola desde a primeiríssima infância realizar essa mediação.

Em decorrência disso é importante que os professores saibam na teoria e na prática o verdadeiro significado da leitura para a criança enquanto aluno e ser humano em formação, pois, aquele pequeno sujeito depende muitas vezes única e exclusivamente do conhecimento daquele docente que não pode ser raso, mas sim profundo cada vez mais em saber.

Finalizando a análise desse trabalho, pode ser vislumbrado o esforço de uma profissional, de uma professora e de uma educadora em buscar o fomento da leitura nas escolas, contribuindo com seus conceitos e trazendo a realidade - muito comum- em uma escola que possuía um déficit na mediação da biblioteca escolar, do interior da sala de aula e da própria formação oferecida aos docentes.

A biblioteca escolar foi pouco mencionada, mas a realidade que ocorre em seu interior foi explícito e nota-se que haveria a importância dos profissionais que nela atuam também participarem de formações que compreendam como trabalhar a estrutura do espaço e mediar de maneira que o aluno se sinta bem e com vontade de estar naquele ambiente.

Os docentes, ainda que participem da formação, fato que é muito importante para sua construção profissional, não podem se engessarem apenas em discussões que são realizadas em reuniões semanais obrigatórias, sendo assim, é preciso que haja a consciência de que o estudo é essencial para uma qualidade de ensino.

E, por fim, novamente a obra de Rovilson (2006) deve ser mencionada nesta análise, pois faria muita diferença conceitual, prática e pessoal na vida desses profissionais. É evidente que todos da área da educação podem desenvolver esse tipo de discussão e a atitude da coordenadora pedagógica foi louvável por fazer a sua mediação ao buscar o fomento das ações docentes, porém, é necessário que haja conhecimento para tal função, pois a intenção pode se tornar uma problematização educacional.

O trabalho de Bataus mostra a realidade de muitas escolas que estão carentes de educação e não só dos alunos, mas principalmente dos pedagogos, o que traz a reflexão de que é preciso um olhar profundo nas primeiras formações e nas continuadas que possibilitem a contínua construção do conhecimento que jamais se finda.

3.2.5 Mediação da leitura em bibliotecas públicas – Alessandro Rasteli (2013)

Um país de leitores tem, na família, na escola e na biblioteca sua base de sustentação (RASTELI, 2013, p. 126).

Trata-se de uma dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, no campus de Marília, defendido no ano de 2013.

O autor é Doutor em Ciência da Informação (2019), Mestre em Ciência da Informação (2013), possui especialização em: Uso Estratégico das Tecnologias em Informação (2004) e bacharelou em Biblioteconomia (2000), com todo percurso acadêmico na UNESP do campus de Marília.

Como já descrito no caminho acadêmico de Rasteli, o autor tem sua formação pautada na Biblioteconomia e partindo do tema de sua dissertação é notório que novamente a análise não terá a completude dos temas principais deste estudo que é a biblioteca escolar e a mediação de leitura. Todavia, o trabalho conta com um aporte teórico e uma contextualização histórica a respeito da biblioteca municipal que abrange a biblioteca escolar e isso se torna relevante para a pesquisa.

Além disso, Rasteli traz em sua obra conceitos sobre a leitura e a mediação que muito pode ser trabalhado na biblioteca escolar e por isso que sua pesquisa tem relevância para este estudo.

No que se refere à leitura, o autor inicia seu trabalho definindo-a de maneira completa e eficaz ao entender que,

Atualmente, a leitura é reconhecida como atividade significativa, levando em consideração a participação do indivíduo enquanto possuidor de uma história individual e singular em seu processo de apreensão cultural. Contextualizar a leitura conduz à reflexão de questões de poder, de relações sociais, de informações ideológicas, possibilitando uma múltipla significação em seu processo de apreensão. O leitor é mediatizado pelo texto, pelas informações e pelos dispositivos, como as bibliotecas. Na perspectiva da apropriação, o leitor é figura principal no ato da leitura, pois é a partir do conhecimento que possui se apropriando das informações e produzindo sentidos que um texto é construído (RASTELI, 2013, p. 14).

Seu trabalho busca contextualizar a história da biblioteca municipal e sua importância para a comunidade que nela se cerca. A leitura é mencionada, porém, a cultura, a diversidade e a informação também são explícitas como conhecimentos que esse espaço deve oferecer. E conseqüentemente a atuação do bibliotecário como mediador é de grande importância, pois é ele que proporcionará esse conhecimento aos sujeitos que no espaço frequentam, assim como, os que não usufruem do espaço e precisam ser 'conquistados' para utilizar o ambiente.

O autor traz na contextualização histórica a biblioteca como um espaço utilizado para os estudiosos da época e principalmente como elemento do clero. E com o passar dos anos, a elite da sociedade permaneceu usufruindo desse ambiente, como um local de estudo e sempre distante das demais comunidades, principalmente as menos favorecidas financeiramente.

Sendo assim, ainda hoje a biblioteca tem como reflexo o distanciamento de uma população que necessita da formação que esse espaço pode proporcionar, por isso, o autor entende que a família, a escola e a biblioteca como base de sustentação para a formação de um leitor e um sujeito íntegro (RASTELI, 2013).

Ao contextualizar a biblioteca, cita a importância desse espaço para as escolas, pois, desde a década de 70, quando instituída a pesquisa escolar, era

nesse ambiente que os alunos conseguiam realizar seus estudos, isso porque, nessa época inicia-se a inserção das bibliotecas escolares, porém, sem profissionais qualificados para a sua atuação, sendo assim, “até o início dos anos 90, as bibliotecas públicas supriram a falta de bibliotecas escolares sendo procuradas principalmente por alunos de escolas públicas” (RASTELI, 2013, p. 91).

O interessante dessa afirmação é a situação de profissionais não qualificados na época ainda permanecerem nos dias atuais mesmo depois de quase cinco décadas, demonstrando a dificuldade e a falta de poder público em estabelecer a função de bibliotecário em todas as bibliotecas.

Da mesma forma, é importante vislumbrar a história da biblioteca que teve em sua estrutura um ambiente considerado sagrado, imaculado e usufruído por pessoas escolhidas, sendo refletida à biblioteca escolar que ainda hoje sofre com regras arcaicas de ser um espaço de silêncio, de preservar os livros e ter o seu uso com inúmeras restrições, impossibilitando a verdadeira fruição das crianças no local.

Relevante levantar a questão do uso da biblioteca por alunos de escolas, pois, esse espaço não pode ser visto de maneira separada, ou seja, municipal de escolar, isso porque, ao vislumbrar o trabalho de Rasteli é nítido que uma instituição complementa a outra. Isso quer dizer que, a criança que inicia sua relação com a biblioteca escolar e perpassa todo seu período educacional conectado e com uma relação saudável com esse espaço, tem grandes possibilidades de permanecer com esse hábito de frequência nas demais bibliotecas, no caso municipal, universitária, etc.

Sendo assim, é preciso a compreensão que cada instituição carrega sua específica importância, pois, na biblioteca escolar o aluno majoritariamente terá em sua educação a aprendizagem da leitura e demais conteúdos e a formação de um leitor ativo e crítico. Paralelamente, na biblioteca municipal, a cultura, a diversidade, assim como, outros elementos sociais serão acrescentados a esse sujeito.

O trabalho de Rasteli, ao conceituar as funções que a biblioteca municipal pode trazer para a comunidade, também engloba ações que podem ser desenvolvidas no espaço escolar, tais como: hora do conto; roda de leitura; oficinas de produção e leitura de textos; concursos literários; saraus; instalações

homenageando autores; criação de espaços para sugestões de leitura; jornais impressos ou eletrônicos; clube do livro; exposição; dramatização de histórias; murais, etc (RASTELI, 2013).

O autor traz outras atividades que são mais específicas da biblioteca municipal, todavia, a lista elencada acima mostra a quantidade de ações que podem ser oferecidas ao aluno na biblioteca escolar, não ficando apenas ao empréstimo de livros e que é capaz de desenvolver a leitura e a formação de um sujeito íntegro em sociedade.

Vale ressaltar que a comunidade também tem o direito de utilizar a biblioteca escolar, mostrando ainda mais a ligação de utilidade desse espaço com o da biblioteca municipal. Isso porque, na impossibilidade de o sujeito ir à uma biblioteca municipal, que muitas vezes são concentradas em bairros centrais e distantes dos periféricos, fica à disposição de a biblioteca escolar acolher essa comunidade que pode usufruir desse espaço e da formação que ele pode proporcionar.

Sendo assim, destacando o que Perin (2009) trouxe em seu trabalho acerca da importância da família para a formação de leitor aos seus filhos, pode-se dizer que o contrário também pode ocorrer, do aluno ao voltar para a casa com um livro em suas mãos, ao mostrar para sua família as atividades literárias e culturais que estão realizando na biblioteca da escola, traz a possibilidade de atrair aquele pai/mãe/responsável que não teve em sua infância a oportunidade de usufruir desse espaço e dessas ações e agora tem essa chance.

Pensando na importância desses espaços é que surge a figura do mediador que Rasteli mostra com ênfase o que é estudado no curso de Biblioteconomia. Ou seja, a mediação aqui trabalhada estará voltada para a cultura e a informação, porém, abrangendo a questão da leitura que é a base de toda biblioteca.

Seu conceito referente à mediação aponta para um sujeito construtor do conhecimento “que se incorpore ao mundo intelectual e vivencial do leitor e que o ajude a compreender sua realidade humana e social, agindo e interferindo nela” (RASTELI, 2013, p. 16).

Além do conceito e da contextualização teórica do termo mediação, o autor traz especificando algumas competências bases do bibliotecário mediador que pode ser atribuído aquele que atua na biblioteca escolar. No caso são:

- Ser leitor ativo;
- Conhecer as teorias da leitura;
- Valorizar as narrativas orais (mediação oral da leitura), o que nos remete aos estudos de Bortolin (2010) que traz a importância da oralidade na formação do leitor;
 - Viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes;
 - Desenvolver a advocacy que, de acordo com o autor, “refere-se aos aspectos da importância na introdução das bibliotecas nas agendas governamentais e nos órgãos de decisões” (RASTELI, 2013, p. 67), ou seja, é uma ação que busca o fomento da biblioteca frente as políticas públicas. Importante trazer esse conceito, pois, na biblioteca escolar quem tem essa função atuando como mediador de leitura é a gestão da escola, que ao buscar melhorias para esse espaço e programas de incentivo à leitura, medeia de maneira indireta a possibilidade de o aluno ter uma formação de qualidade;
 - Conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura;
 - Estabelecer relações afetivas com o leitor;
 - Trabalhar em equipe. E nesse quesito pode-se referir a relação que o bibliotecário deve ter com o professor, atuando em parceria para que a formação do aluno seja entre a biblioteca escolar e a sala de aula;
 - Ter competências aplicadas às TIC, ou seja, as tecnologias necessárias na biblioteca;
 - Buscar a educação continuada, ou seja, permanecer na construção de conhecimento por meio das formações.

Ao elencar essas ações do bibliotecário mediador, o autor traz outras funções que não se aplicam ao mediador que está sendo trabalhado e discutido neste estudo, todavia, essas especificações acima mencionadas já mostram o quão profissional esse sujeito deve ser para atuar de maneira eficaz na biblioteca escolar.

Partindo para a segunda parte do trabalho de Rasteli, o autor não ficou apenas no âmbito conceitual, mas trouxe em sua metodologia uma pesquisa documental e entrevistas com bibliotecários e usuários de bibliotecas, trazendo assim, o confronto da teoria com a práxis.

Dessa forma, Rasteli analisou as bibliotecas municipais da Região Administrativa de Marília, composta por 53 (cinquenta e três) cidades, sendo a com maior número de habitantes Marília com 216 (duzentos e dezesseis) mil e com o menor número de habitantes Borá com 805 (oitocentos e cinco) habitantes.

A importância da análise dessa pesquisa foi no que tange à profissão do bibliotecário, pois em muitas bibliotecas municipais, haviam profissionais formados em Biblioteconomia, como em outros cursos, ou apenas com o Ensino Médio ou o Fundamental Completo.

Não há aqui a intenção de desmerecer o trabalho de profissionais que não possuam o curso de Biblioteconomia, ou que não possuam curso superior, mas é importante levantar a questão de que a profissão do bibliotecário não é escassa apenas nas bibliotecas escolares, pois, como visto, nas bibliotecas municipais também não compõem em sua totalidade um profissional formado exclusivamente para essa função.

Entretanto, um dos elementos mais interessantes desse dado é que ao analisar quais eram as atividades realizadas por esses bibliotecários, profissionais que tinham apenas o Ensino Médio realizavam mais atividades que os próprios formados em Biblioteconomia.

Essa questão pode ser compreendida quando Rasteli traz a problematização da falta de um estudo mais aprofundado no curso de Biblioteconomia,

[...] haja vista a escassa literatura produzida na área, especialmente em relação ao mediador da leitura e a biblioteca pública e a formação oriunda dos cursos de Biblioteconomia no Brasil que ainda não privilegiam de forma efetiva a atuação nesses equipamentos culturais (RASTELI, 2013, p. 136).

Partindo dessa afirmação é perceptível a falta de discussão da mediação na biblioteca, nos cursos relacionados à área da educação, como por exemplo, Biblioteconomia, Pedagogia, Letras, etc. Cursos esses que formam profissionais que no futuro podem estar atuando em um espaço de leitura e não terão aptidão suficiente para fazê-lo pois não teve preparo suficiente para essa ação.

Interessante ligar a informação que o autor traz sobre essa questão, pois Bortolin (2010) discute a mesma problematização da falta de um trabalho teórico

e prático sobre a mediação no curso de Biblioteconomia. E os dois autores podem falar com precisão, pois, são formados e atuam nessa área, sendo assim, acompanham de perto a necessidade de uma atualização urgente na grade curricular desse curso.

O autor mostra a veracidade desse fato ao trazer que,

A profissão de bibliotecário está ainda, neste início do século XXI, alicerçada por conceitos de organização (processos técnicos, indexação, catalogação) e processos administrativos, pouco expondo sua função educativa, no sentido de auxiliar os usuários na utilização correta das fontes de informação, de incentivar o estudante, o pesquisador, o cidadão a ler e a frequentar a biblioteca e, principalmente, o de desenvolver o gosto pela leitura, de forma crítica e dinâmica (RASTELI, 2013, p. 18).

Outra questão importante de ser levantada é o desejo intrínseco de querer mediar. Isso porque, pode-se vislumbrar profissionais que mesmo sem uma formação em Ensino Superior atuou de maneira eficaz e completa na biblioteca que atua. O que pode ser entendido desta situação é que ainda não havendo uma formação primária sobre assuntos como a mediação de leitura, há a vontade de atuar enquanto um mediador e proporcionar a melhor experiência possível aos frequentadores do espaço e isso demanda de algo subjetivo, do gosto de estar no local atuando e auxiliando na formação dos sujeitos que ali estão, consciência que muitas vezes em uma pessoa formada não é atingida.

O que pode tirar de entendimento destes dados é que para ser um mediador não basta apenas a construção de conhecimento na formação inicial, na continuada e todas as exigências técnicas e pedagógicas que a função exige, mas que também a vontade e a consciência de que seu papel é crucial para a formação do outro e que essa relação pode transformar a vida de alguém.

Ao findar a análise deste texto, julga-se necessário enfatizar que por mais que o autor trabalhe a biblioteca municipal é nítida a relação que esta instituição tem com a presente no âmbito escolar.

O trabalho de Rasteli traz a importância da leitura, o que todos os demais autores também contribuem, porém, acrescenta a relevância da cultura, da diversidade e da informação na formação do homem e estes elementos também podem ser desenvolvidos na biblioteca escolar, mesmo que não amplamente

como em uma biblioteca municipal, mas a integridade enquanto sujeito pode ser desenvolvida nos dois espaços tudo dependendo da mediação.

Mediação essa que o autor trouxe em outros âmbitos, mas que também pode ser aplicada na biblioteca escolar, ressaltando a questão de que pode-se dizer que a presença de um bibliotecário formado é de extrema importância na biblioteca, porém, se o mesmo não tem preparo em sua formação inicial, continuidade nas formações continuadas e o desejo e querer de ser um mediador na formação do outro, de nada valerá sua certificação, se tornando algo vazio na mesma situação que muitas bibliotecas se encontram hoje.

Sendo assim, novamente foi possível vislumbrar com este trabalho e com os demais analisados, que todos trazem algo em comum: o descaso do Estado representado pelo Governo que não traz fomentos sobre a estrutura da biblioteca, sobre a profissionalização do bibliotecário e sobre os programas de incentivo à leitura; o déficit na grade curricular de cursos como Biblioteconomia que estão formando sujeitos para lidar com os livros e não com os leitores; a falta de promoção de formação continuada que possa auxiliar todos os profissionais formados ou não a atuarem de maneira correta nesse ambiente; e a construção de conhecimento e a conscientização desses profissionais que seu papel é capaz de transformar vidas.

3.2.6 Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico: um estudo de caso – Maria Marismene Gonzaga (2017)

As bibliotecas têm como finalidades preservar o legado cultural, base para estudos, mediação da cultura, favorecendo acesso a conhecimentos políticos, técnicos, científicos e a outras ciências, lazer; fomentar a leitura, em especial, a leitura literária oferecer espaço de encontros de leitores, leitores e autores, troca de saberes, e outros diversos eventos.
(GONZAGA, 2017, p. 36)

Trata-se de uma dissertação apresentada como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Presidente Prudente, defendido no ano de 2017.

A autora é graduada em Letras (1985), tem especialização em Literatura Infantil e Juvenil (1992), ambos pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e possui título de Mestre em Educação pela Unesp/Presidente Prudente, obtido no ano de 2017.

Atuou em várias funções na escola pública de Educação Básica no Estado de Minas Gerais e no Distrito Federal, desempenhando funções de professora, assistente pedagógica, vice-diretora e diretora, trabalhando de maneira intensa com a leitura literárias nas escolas.

Exerceu a função de Técnica Pedagógica, atuando nos Programas do Livro: Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD e Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE. E a função de Consultoria por meio de Projeto UNESCO, relacionado ao desenvolvimento de estratégias de implementação do Plano Nacional de Educação, ambas no Ministério da Educação.

Gonzaga traz em sua pesquisa o que vem sendo buscado neste trabalho, no caso, a discussão sobre a biblioteca escolar e a mediação de leitura. Entretanto, a autora não se limita apenas a esses dois termos, como também, contextualiza a história da biblioteca, da biblioteca municipal e por fim da biblioteca no âmbito escolar, se assemelhando em muito o estudo de Rasteli (2013). Como também, problematiza a relação da biblioteca escolar e a sala de leitura.

No que se refere à metodologia, a autora expõe uma pesquisa documental e analisa um Projeto Político Pedagógico, explicando o processo de gestão democrática que ele abrange e, por fim, apresenta entrevistas realizadas com a direção, a coordenação pedagógica, os docentes e os pais/responsáveis dos alunos que participam do Conselho da escola.

Gonzaga, ao tratar da biblioteca, traz na sua história uma realidade que ainda hoje é presenciada nos espaços municipais e/ou escolares que deveriam já ter sido superados, pois alega que,

[...] A biblioteca não tinha como função disseminar informação e conhecimento, mas sim guardar os livros. Na Antiguidade essas instituições não passaram de difusoras da palavra escrita para poucos que tinham acesso à leitura (GONZAGA, 2017, p. 25).

Com o passar do tempo, as bibliotecas foram se transformando devido a tecnologia e isso proporcionou a democratização do conhecimento e da cultura, se tornando cada vez mais acessível para todos (GONZAGA, 2017). Sendo assim, esse espaço deixa de ser apenas um local para se guardar livros, mas “são para uso, informação, oferta de materiais organizados de utilidade a todos

de maneira a propiciar o acesso ao conhecimento e à cultura” (GONZAGA, 2017, p. 36).

Com isso, assim como Rasteli (2013) nos lembra que a biblioteca municipal foi evoluindo com o tempo e se caracterizando como um espaço para formar qualquer sujeito quanto a leitura, a cultura, a diversidade, entre outros aspectos inerentes ao homem, a biblioteca escolar carrega consigo esse objetivo, porém, de maneira especificada ao meio escolar, como nos aponta Gonzaga,

[...] a biblioteca escolar, além de cumprir outras funções, precisa: proporcionar práticas que fomentem o gosto pela leitura, interagir com as propostas pedagógicas desenvolvidas na escola; disponibilizar recursos, materiais, de modo a atender as necessidades dos alunos e professores e a proposta curricular; fazer a mediação dos recursos informacionais impressos e (ou) eletrônicos; exercer sua função de espaço educativo e cultural, e espaço de interação entre leitores e livros. Portanto, precisa ser pensada no projeto político-pedagógico da escola (PPP), porque ele deve abarcar os desejos e necessidades da comunidade escolar (2017, p. 37).

É nesse momento que a autora mostra que a importância da biblioteca escolar é tamanha para a estrutura da instituição que deve estar abordada no projeto político pedagógico da escola, com o seu conceito, suas funções e fomentos que são possíveis resolver com a ajuda de toda gestão democrática.

Partindo para a pesquisa documental que a autora realizou em um projeto político pedagógico de uma escola municipal de Presidente Prudente, pôde refletir que a construção e significado do termo biblioteca escolar no documento denota alguns déficits no que se trata ao entendimento sobre o assunto, iniciando pelo fato de “no documento, a biblioteca é tratada como ambiente pedagógico sendo citado como “sala de leitura” (GONZAGA, 2017, p. 63).

A questão sobre sala de leitura já foi abordada nesse trabalho e tem-se como entendimento que a mesma não pode ser equivalente a biblioteca escolar, visto a estrutura, o acervo e as funções que uma biblioteca pode oferecer de maneira ampla ao aluno.

A autora em seu texto, nos contextualiza que a primeira vez que o termo sala de leitura foi aplicado, consta no ano de 1985, no Estado do Rio de Janeiro, criado pelo Secretário de Educação Darcy Ribeiro, em que “previa um espaço destinado a livros, que foi denominado Sala de Leitura, pelo fato de o exercício

da função de bibliotecário caber a um professor, e não a bibliotecário” (GONZAGA, 2017, p. 63).

Sendo assim, por questões políticas e administrativas, pela falta do profissional adequado às bibliotecas escolares, foi intencionado pelo Governo que ao invés de buscar fomentar a problematização da profissionalização presente nas bibliotecas, fosse criado um novo termo de espaço de leitura propiciando a atuação de docentes no local.

A questão de um professor atuar em uma biblioteca escolar não tem qualquer problema ou impedimento, visto que no Estado de São Paulo, por meio da resolução SE 76/2017, permite nas escolas Estaduais a existência desse projeto de sala de leitura com docentes trabalhando exclusivamente para essa função.

A problematização se encontra quando professores ou funcionários readaptados, próximos de sua aposentaria, ou com alguma comorbidade que os impede de exercer plenamente sua função, são depositados ao espaço da biblioteca escolar, assim como, os livros, sem um conhecimento de mediação de leitura que possa proporcionar ao aluno uma formação de leitor ativo e crítico.

E essa problematização deve ser algo sabido e discutido entre os profissionais da escola, pois, é preciso que saibam qual o verdadeiro significado e função de uma biblioteca escolar para os alunos e a comunidade que nela os entornam, e que a mediação desse espaço é extremamente relevante para a educação.

Voltando a análise de Gonzaga ao projeto político pedagógico e a práxis da escola, a autora alegou que mesmo havendo a descrição da biblioteca escolar no documento ora citado, apenas constava sua existência, característica, horário de funcionamento, funcionário responsável, entre outras informações meramente técnicas e administrativas, não constando a verdadeira função que a escola pretende exercer com o espaço de leitura.

E mais uma vez é possível refletir que a gestão democrática envolvida na construção desse documento não tem em sua completude o conhecimento necessário sobre o que é e qual a importância da biblioteca escolar para os alunos, assim como, para a comunidade. O que se torna algo preocupante e um alerta de que a formação continuada é necessária para que os agentes de

educação saibam quais são suas responsabilidades e como usar de maneira eficaz os recursos disponibilizados na instituição.

Uma situação interessante que ocorreu na escola ora analisada foi que ela teve uma reforma da biblioteca escolar, “juntando esforços públicos (funcionários da escola, secretaria de educação) e privados (empresas da cidade)” (GONZAGA, 2017, p. 61). Porém, essa iniciativa foi oriunda de uma carta de um aluno que pediu a reestruturação do espaço para que pudesse emprestar livros e usufruir do local, mostrando que há o interesse da criança pelo ambiente e que esse sentimento não pode se perder no decorrer dos anos escolares.

Sendo assim, foi muito interessante a postura da escola em buscar meios públicos e privados para essa reforma, porém, ainda sobre a análise do projeto político pedagógico nota-se mais uma vez a falta de entendimento da importância do espaço, isso porque, no que se refere as prioridades de fomentos na estrutura escolar, a sala de informática fica na frente da biblioteca escolar, dessa forma, ainda é possível reconhecer que a gestão da instituição não conhece toda a amplitude educacional que o espaço de leitura pode oferecer.

Nesse momento Gonzaga esclarece que a biblioteca escolar não é apenas um ambiente para leitura, mas que pode ser um local de informatização, ou seja, a tecnologia, pode ser utilizada neste espaço, sendo assim, computadores que estariam na sala de informática são bem vindos ao espaço de leitura, pois quando se fala em biblioteca está se falando de um todo que tem a capacidade de proporcionar a educação, a formação e a construção de conhecimento.

Com isso, a autora afirma que

A biblioteca escolar [...] foi concebida somente como um espaço do material impresso, ao passo que ela pode se transformar em um centro multimídia e oferecer oportunidade de conectar com outras tantas bibliotecas e instituições, por muitos *links* que proporcionam o acesso a conteúdos científicos e culturais produzidos pela humanidade, de forma ampla (GONZAGA, 2017, p. 65).

Dessa forma, a autora demonstra que é possível e necessária a era digital no corpo da biblioteca escolar, podendo contar com computadores e a possibilidade da pesquisa, do estudo e da leitura por parte dos alunos. Ao citar

essas três palavras, entende-se que com acesso a meios digitais e a internet em um espaço de leitura é possível que o aluno obtenha acesso a livros que não constam no acervo do local, assim como, é plausível a formação de um pesquisador, em que ao fazer a busca para seus trabalhos e atividades, pode conhecer novas plataformas educacionais.

É evidente que para essa estrutura ocorrer, seria preciso uma junção de recursos, uma ampliação nos horários e atividades no local e uma mediação preparada para a conciliação dessas atividades, porém, o intuito dessa discussão é justamente mostrar quais as capacidades que uma biblioteca escolar pode alcançar e como é importante a discussão desse espaço e a formação de profissionais aptos para essa função.

Ao considerar a biblioteca escolar como um espaço multimídia, a autora traz a nomenclatura da biblioteca multimídia que “deve ser diversificada para construir com uma cultura literária, científica e artística; deve ser espaço de utilização livre e também orientada [...] que promova a interdisciplinaridade” (GONZAGA, 2017, p. 76).

Partindo para o instrumento de entrevista, a autora a realizou com a gestão, os docentes, a funcionária da biblioteca que é uma professora readaptada e os pais/responsáveis de alguns alunos.

Majoritariamente o entendimento de biblioteca escolar para os entrevistados tinham como senso comum à sua importância para a leitura dos alunos. Todavia, é notório a necessidade de uma construção de conhecimento sobre o assunto no que se refere ao coordenador pedagógico quando alega que a biblioteca é um lugar sagrado, pois, remete aos entendimentos arcaicos, estabelecidos pelos sábios e principalmente pelo clero, que sacramentava o espaço de leitura, como motivo para que apenas os ‘escolhidos’ pudessem frequentá-la, impossibilitando o livre acesso aos livros e automaticamente ao conhecimento.

É sabido que a biblioteca causa esse sentimento de local de grande importância, porém, principalmente quando se trata de um ambiente escolar, a dinamicidade e a ludicidade que a criança carrega em si deve quebrar todos os paradigmas, toda a escuridão, toda a poeira acumulada, todo o silêncio e ser tomada por uma presença contínua de alunos e comunidade que podem adentrar neste espaço, se sentir pertencente a ele e buscar todo o conhecimento

que está ao seu dispor. Dessa forma, a biblioteca escolar, deixa de ser assimilada como sagrada e passar a ser vislumbrada como libertadora.

Voltando as entrevistas, houveram por parte de todos os entrevistados, sugestões de melhorias como o aumento do acervo, que na escola ora analisada é reposto pelo PNBE e pela aquisição particular que a gestão realiza no evento Salão do Livro ocorrido na cidade. Da mesma forma, haveria a necessidade de pelo menos um computador na biblioteca escolar para uso da funcionária que poderia organizar o acervo e novamente entra na situação da biblioteca sendo informatizada, podendo denotar essa reflexão com os seguintes dizeres,

Por que as bibliotecas não se tornam centros multimídias, proporcionando aos alunos a expansão do conhecimento? Muitas escolas, a exemplo da pesquisada, já começam a refletir e, ainda que não integrem os dois espaços, permitindo a convivência do impresso com o digital, já se esforçam para levar computadores para o espaço da biblioteca. Do contrário, lamentavelmente, a sala de informática continua sendo a prioridade, e a biblioteca não ganha nem o computador para as tarefas do bibliotecário. O acervo é registrado no livro “tombo” e os empréstimos registrados em fichas ou em cadernos (GONZAGA, 2017, p. 65).

Quanto à mediação de leitura oferecida na escola, por meio dos diálogos, foram citados 3 (três) projetos: o primeiro são contações de história, realizado apenas para o 1º ano, visto que quem os realiza é uma professora que não atua na escola, mas participa desse projeto, pois, de acordo com a gestão, os demais docentes não têm habilidades para realizar essa atividade; o segundo é um projeto de leitura realizado pelos professores dentro da sala de aula; e o terceiro é o empréstimo de livros.

No que se refere à contação de história, por meio de uma formação continuada, seria possível constatar que a contação de história pode ser exercida pelos docentes sem que seja necessário apenas o método de dramatização, mas como, outros elementos da oralidade que são cabíveis de trabalhar sem muito esforço e que provavelmente beneficiaria os outros alunos.

No que tange ao empréstimo de livros, nota-se que é a única atividade mediada no espaço da biblioteca escolar e que traz uma problematização, visto que os alunos só conseguem frequentar ao espaço nesse momento, pois, nos demais horários outros alunos estão realizando o empréstimo.

Essa atividade é a mais usual nas bibliotecas escolares e possuem sua importância, visto que os alunos têm o direito de emprestarem os livros, porém, esse momento não pode ser o único utilizado no espaço, pois, existem outras dinâmicas que podem proporcionar a formação de leitura, assim como, a criança deve ter a oportunidade de frequentar o local para a leitura e o estudo.

Por isso que é necessário a discussão desse ambiente no projeto político pedagógico, pois, com a participação de todos é possível determinar quais dias e horários essa atividade pode ser disponibilizada, abrindo oportunidade para outras atividades e o uso do aluno no local. Ou seja, “a BE deve ser considerada no PPP tanto no que se refere às questões de infraestrutura, materiais, quanto às pedagógicas” (GONZAGA, 2017, p. 122).

Um fator interessante é que a biblioteca escolar possui um espaço para leitura, com tapetes que permitem comodidade e intimidade com o local, porém, com a atividade de empréstimo ocupando todo o horário de funcionamento do ambiente, o lugar destinado à leitura se torna sem utilidade.

O momento do empréstimo de acordo com as falas dos entrevistados possui duas didáticas: a primeira são professores que permitem os alunos irem sozinhos à biblioteca; e a segunda são os docentes que acompanham seus alunos.

Importante destacar que a segunda didática se configura como uma mediação de leitura do professor, visto que ele ao estar na biblioteca com os alunos tem a possibilidade de mediar a escolha do livro, fazer uma leitura no local, propor atividades, entre outras ações que auxiliem na formação do leitor, sendo assim, “o professor cumpre com um papel essencial na formação de leitores e pode constituir-se como mediador, a partir de sua qualificação e competência” (ROLLA, 2004, p. 116).

Nesse momento, a mediação do funcionário da biblioteca também é de grande importância, pois, quando não é possível o professor estar presente, essas ações podem ser realizadas por ele, além, da parceria que pode ser feita com o docente de elaborar atividades relacionada ao espaço da biblioteca que cause o interesse pelo espaço, pelo livro e por todos os demais recursos que o ambiente proporciona.

Todavia, Gonzaga (2017, p. 89) nos alerta para a problematização da função do bibliotecário,

No entanto, sabemos que em grande parte das escolas públicas brasileiras não há o profissional bibliotecário. O espaço da biblioteca é ocupado por profissionais, quase sempre professores que não podem assumir a sala de aula devido a problemas de saúde. E a escola pesquisada não foge a este fato. Sabemos que muitos desses profissionais vão além das expectativas da sua habilitação, pois nem todas as redes de ensino promovem formação: nem no que diz respeito à parte técnica referente aos acervos, tampouco formação pedagógica capacitando-os para a atuação na BE.

Sendo assim, é necessário que não apenas seja discutido a situação de muitos profissionais que estão atuando nas bibliotecas escolares, como quais são os cuidados que os mesmos estão recebendo. Ao relembra os relatos de baixa autoestima de muitas funcionárias no trabalho do Rovilson (2006) e que depois da formação foi possível perceber as mudanças nas ações aplicadas na biblioteca da escola, assim como, sua relação com o espaço, de não se sentir esquecida juntamente com os livros, nota-se a importância desses profissionais receberem programas de formação quanto ao espaço, a estrutura, ao acervo, a mediação, entre outros aspectos que podem melhorar sua atuação enquanto profissional e sujeito que está em constante construção de conhecimento.

Quanto aos professores, foi relatado que as reuniões semanais são realizadas na biblioteca escolar, por entenderem ser um espaço de estudo. E que por meio do Programa PNBE os professores recebem livros com orientações para seus trabalhos. Porém, alguns professores alegaram não ter esse livro para sua área de ensino, sendo que estava disponível na biblioteca, demonstrando professores que por mais que passam uma vez por semana naquele ambiente estudando e buscando melhorar suas ações, não usufruem do espaço enquanto leitor, com isso é preciso compreender que para ser mediador de leitura é preciso ser leitor, conforme nos ensina Rasteli (2013), ou seja, não basta apenas estar na biblioteca é preciso usá-la.

Com isso, finda-se a análise desse texto enaltecendo a importância de todas as discussões apresentadas por Gonzaga, pois, até o momento, todos os autores analisados trouxeram a história da biblioteca e sua relevância educacional, assim como, problematizações nas escolas quanto a mediação de leitura, porém, a autora trouxe a necessidade desse espaço ser vislumbrado em um dos principais documentos de diretrizes da instituição, ou seja, o projeto político pedagógico.

Por meio da participação da gestão democrática é possível a construção de um documento que norteará todas as ações realizadas na escola e a biblioteca escolar deve constar nessas diretrizes não apenas como uma estatística estrutural, mas mostrando seu conceito, sua importância e as ações cabíveis para que ela viva na instituição e traga vida para aqueles que a usufruem.

Gonzaga também comprovou a amplitude que a biblioteca escolar pode alcançar quanto às suas ações e que não se basta apenas a uma guarda de livros ou um espaço apenas para a leitura, mas que há a abertura da tecnologia e da globalização para entrada da informatização no espaço, proporcionando ao aluno novas buscas de conhecimento.

Novamente, como visto em todos os trabalhos analisados até o momento, há a necessidade da continuidade da formação nas escolas, para que os agentes educacionais possam lutar por políticas públicas que fomentem esse espaço ampliando e acrescentando recursos; que tenham o ambiente como instrumento necessário em suas diretrizes; e que construam novos conhecimentos, os afastando do senso comum e das ideias tradicionalistas, se formando um mediador de leitura que possa proporcionar a formação do aluno, assim como, a sua própria formação enquanto sujeito que está em constante construção do saber.

3.2.7 Mediação cultural em bibliotecas: contribuições conceituais – Alessandro Rasteli (2019)

A prestação de serviços da biblioteca pública frente à diversidade cultural resulta-se em ações de atuação na promoção e preservação das identidades culturais presentes em determinadas comunidades.
(RASTELI, 2019, p. 77)

O autor já foi citado neste estudo com uma dissertação para obtenção de título de Mestre em Ciência da Informação surge neste momento a oportunidade de analisar trabalho em sua tese como requisito do título de Doutor em Ciência da Informação na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, no campus de Marília em 2019.

Semelhante ao trabalho de 2013, essa pesquisa também está focada na área da Biblioteconomia, sendo assim, os temas abordados não são fidedignos

ao assunto biblioteca escolar e mediação de leitura, todavia, as discussões apresentadas pelo autor são significativas para o estudo.

Nesse caso, Rasteli trabalha sobre a biblioteca em seu contexto histórico, apresentando questões sociais e políticas que percorreram junto com o espaço até os dias de hoje e defende a mediação cultural nas bibliotecas, possibilitando a todos os sujeitos a educação, a cultura, a diversidade, entre outros conhecimentos que torna o homem um ser íntegro.

Ao vislumbrar a história da biblioteca no mundo e no Brasil e todos seus aspectos sociais e políticos é possível compreender porque a biblioteca escolar sofre com descasos públicos, com a falta de programas que fomentem seu espaço e programas que incentivem a leitura, isso porque durante muito tempo somente a elite tinha o direito de frequentar um espaço que possibilitasse a leitura, a educação, a cultura, entre outros aspectos de formação.

Quando o autor traz as possibilidades de mediação cultural é possível constatar que algumas ações podem ser exercidas na biblioteca escolar, sendo assim, o trabalho de Rasteli, carrega ensinamentos importantes que mesmo não diretamente atinge o espaço da biblioteca escolar e da mediação de leitura.

Ao lembrar os outros autores abordando sobre o histórico da biblioteca, tem-se as primeiras utilizadas pelos considerados sábios e pelo clero, e no Brasil não seria diferente, pois de acordo com Rasteli,

As primeiras bibliotecas brasileiras emergiram nos interiores das construções religiosas com livros nas bagagens pelos primeiros missionários portugueses. Data de 1568 a primeira biblioteca no Brasil, implantada no Colégio da Bahia, pelos Jesuítas (2019, p. 24).

Da colonização até o início dos anos 90, a biblioteca foi se modificando fisicamente, assim como, quanto ao acervo e a abertura à população. Porém, os sujeitos que ainda possuíam a entrada livre para esse espaço continuavam sendo a elite e durante muito tempo a característica de serem homens e brancos, o que remetia a superioridade europeia presente no país e o ideário machista estrutural de que as mulheres não podiam estudar.

O autor contextualiza esse momento ao mencionar que,

Até 1930, as bibliotecas públicas estiveram mais próximas das bibliotecas existentes no período colonial: apenas uma restrita parcela da sociedade era atendida, servindo como meio de

distinção intelectual entre os seus criadores e a população. Seus acervos eram majoritariamente compostos por obras representativas da cultura erudita europeia e seus objetivos estavam restritos ao apoio às atividades de ensino (RASTELI, 2019, p. 35).

Essa contextualização é trazida pelo autor, pois tem-se o objetivo de provocar a reflexão de que muito da estrutura da biblioteca não foi alterada desde seu início no mundo e no Brasil.

A questão política e social inserida nessa discussão está no sentido de que a biblioteca tem o potencial de trazer uma formação completa ao indivíduo e essa educação não pode ser dada apenas a uma parcela da sociedade, mas sim, ao todo, ou seja, todas as comunidades têm o direito de aproveitar desse espaço.

Sendo assim, a biblioteca deve estar em todos os lugares e aberta para todos e nesse momento que se levanta a importância da biblioteca escolar, pois mesmo, esse espaço não contendo as ações de uma biblioteca municipal, tem a possibilidade de adentrar em todos os bairros, pois está atrelada a escola.

Com isso, se o indivíduo não tem possibilidade de ir em uma área central, ou muitas vezes desconhece onde fica a biblioteca municipal da cidade e quais suas funções que podem ser usufruídas, a biblioteca escolar, localizada em seu bairro pode proporcionar um elo entre a escola e a comunidade, entre os alunos e seus pais/responsáveis e desconstruir essa visão distante desse espaço a população.

É o que Rasteli traz ao mencionar sobre a biblioteca:

Ainda que ao longo da história as bibliotecas pouco tenham realizado para o avanço da sociedade no sentido de acesso, democratização, alfabetização e letramento, refleti-las e pondera-las como um organismo vivo e passível de mudanças é discerni-las como aparelhos de vital importância para a apropriação do conhecimento (RASTELI, 2019, p. 44).

Quando o autor menciona a biblioteca, expõe as possibilidades de formação de um sujeito íntegro em sociedade e para isso é enaltecida a cultura como um meio de trazer a educação e o desenvolvimento do indivíduo.

A biblioteca com todas suas funções tem a capacidade de produzir a cultura para aqueles que a frequentam, porém, na história de nosso país essa possibilidade sempre foi cerceada da população, principalmente da classe

trabalhadora, pois, como mecanismo de um sistema capitalista, esses sujeitos não são dignos de acesso à cultura ou minimamente educação de qualidade, lhes restando o mínimo de aprendizado e o trabalho.

O autor evidencia essa situação ao contextualizar que,

Nas sociedades que se industrializavam, como o Brasil, a classe operária foi espoliada de diversas maneiras, evidenciando-se a exploração do trabalho, os baixos salários e a exclusão no acesso e na produção cultural.

A exclusão econômica impediu a classe operária de frequentar teatros e festas promovidas pelas elites, assim como barraram o acesso às publicações literárias ou de entretenimento, como livros, revistas, almanaques, gibis e fotonovelas. Geograficamente, os trabalhadores mantiveram-se confinados em bairros pobres, periféricos, onde não havia áreas de entretenimento ou de lazer. No caso das vilas operárias, os trabalhadores eram vigiados e controlados pelos patrões, que determinavam as atividades culturais que poderiam frequentar (RASTELI, 2019, p. 53).

O que o autor traz como reflexão é que desde o início uma determinada classe tem o privilégio de obter a leitura, a literatura, a cultura, enquanto outros indivíduos não possuem a mesma oportunidade. O que preocupa àqueles que acreditam que a educação de qualidade deve ser ofertada para todos, pois, para essa formação e desenvolvimento não basta apenas conteúdos, mas tudo que pode tornar um sujeito holístico.

E novamente a biblioteca traz em suas funções essas possibilidades e a escolar aumenta sua potencialidade de além de proporcionar a leitura, pode carregar consigo a cultura, propiciando a formação e a educação para todos.

Importante compreender que a inserção da cultura a todos proporciona a quebra da alienação, a liberdade de pensamento e a construção de um conhecimento que torna um sujeito crítico em sociedade.

No trabalho, o autor classifica 3 (três) divisões culturais: a cultura erudita produzida pela ópera, pela escultura, pelo ballet, entre outros; a cultura popular produzida pelo grafite, pelas festas populares, pelas criações folclóricas, pelas manifestações populares, pelas danças regionais, pelas comidas típicas, entre outras; e a cultura de massa produzida pelos veículos como imprensa, rádio, cinema, música, televisão e internet (RASTELI, 2019).

Quanto a essas culturas o autor infere como atuação do bibliotecário mediador desafios de,

[...] difundir os elementos da cultura erudita, possibilitando a descoberta de novas linguagens e de novas formas artísticas; recuperar e difundir os elementos da cultura popular, que se encontram muitas vezes esquecidos, deteriorados ou obliterados pela ação da indústria cultural; lidar com critérios com os elementos da cultura de massa, procurando direcionar o desenvolvimento de perspectivas críticas (RASTELI, 2019, p. 56).

Pensando nessa mediação e nessas características de cultura, surge o questionamento de como esses elementos poderiam se enquadrar na biblioteca escolar. E amparada aos ensinamentos de Rasteli, quando contextualiza que muito da cultura europeia na época da colonização até os dias de hoje sobrepõem a culturas de outros povos, como por exemplo, os indígenas e os africanos, assim como, a valorização que se dá ao erudito e a diminuição de valor que há da cultura popular, a biblioteca escolar pode inserir a maior diversidade possível de literatura em seu acervo, quebrando a soberania de apenas uma cultura nas leituras.

Sendo assim, por que trabalhar apenas as fábulas de Esopo, se existem milhares de fábulas africanas com a mesma riqueza e o mesmo objetivo? Por que contar as histórias das princesas do continente europeu, se existem muitas outras do continente africano, asiático, entre outros? Por que trabalhar um feriado estadunidense chamado Halloween, contando histórias de terror, mas não trabalhar as histórias de nossos lendários folclóricos com a mesma intensidade?

Com isso, pode-se entender que na biblioteca escolar não é possível trabalhar todas as ações culturais de uma biblioteca municipal, porém, a diversidade cultural, social, econômica, de gênero, entre muitas outras podem ser trabalhadas por meio do livro, da literatura que é rica dessa subjetividade e proporciona aos alunos e a comunidade que nela frequenta a possibilidade de se formar e educar conhecendo a si e ao outro, fenômeno que já traz consigo a liberdade de pensamento, a desconstrução da alienação e a construção do saber.

O trabalho de Rasteli carrega um amplo conceito sobre a biblioteca pública e a mediação cultural e em sua metodologia ainda teve a oportunidade de visitar bibliotecas da cidade de Lille na França, obtendo como resultado a experiência de encontrar espaços com músicas, jogos, além de adaptações de

braille e libras para os usuários que precisam, realidade diferente da vista em muitas bibliotecas do Brasil.

Todavia, mesmo a pesquisa não sendo especificamente sobre os temas pretendidos neste trabalho, trouxe uma grande bagagem de conhecimento inerente a posição de cidadão e sujeito que temos direito de obter uma formação e uma educação de qualidade.

A história da biblioteca ainda assombra os espaços viventes nos dias de hoje e os privilégios da elite ainda sobressaem a luta constante da classe trabalhadora sobreviver em sociedade e buscar novos conhecimentos. Porém, como vislumbrado nesse trabalho é possível que espaços como a biblioteca proporcionem essa formação, educação e desenvolvimento.

A biblioteca escolar não fica distante dessa possibilidade quando pode abrir as portas para seus alunos e para comunidade conhecer o mundo através dos livros e das atividades culturais e artísticas que são cabíveis no espaço.

O que foi tirado de valiosa lição no trabalho de Rasteli é que não importa como o espaço da biblioteca foi criado e que a cultura muitas vezes foi cerceada da população, mas que muitos estão vislumbrando essa situação e lutando por meio dos estudos e das práticas as mudanças necessárias para que a biblioteca seja um recurso de pleno conhecimento e que todo sujeito seja capaz da sua formação holística. O autor fez sua parte ao mostrar essa realidade e trazer possíveis fomentos para essa situação, cabe a todos na área dessa pesquisa permanecer buscando essas melhorias para a biblioteca e a formação plena de todo cidadão.

4 CONCLUSÃO

Para finalizar este estudo, julga-se necessário concluir que foi possível contemplar os objetivos pretendidos no início da pesquisa, no caso, a busca por dissertações e teses realizados por pesquisadores da pós-graduação da Unesp, por meio da plataforma C@tedra, a análise quantitativa dos trabalhos encontrados com os temas biblioteca escolar e mediação de leitura e a construção de conhecimento, assim como, o diálogo com as contribuições que esses autores carregam em suas obras. Além disso, partindo da aprendizagem construída ao longo da leitura dos autores mencionados, é possível confirmar a importância da biblioteca escolar para a educação, a formação e o desenvolvimento do sujeito.

Ainda que a biblioteca seja criada como um depósito de livros e no início voltado para a elite e o clero, com o tempo sua evolução foi se configurando em um espaço aberto para todos e se desvinculando de uma função restritiva de guarda de livros. É concebida como um ambiente capaz de transformar a vida de um sujeito por meio da leitura, da cultura, da arte, da diversidade, entre outros aspectos inerentes ao homem.

Com as contribuições históricas e teóricas trazidos pelos autores estudados, foi possível conhecer a riqueza educacional que a biblioteca pode oferecer, bem como ampliar as possibilidades que a biblioteca escolar pode proporcionar não se limitando apenas à leitura.

Além de propiciar a leitura, a biblioteca escolar tem a possibilidade de oferecer seus recursos à comunidade que não tem acesso a outros espaços para ler, fazer pesquisas, ter contato com diferentes bens culturais.

Relembrando o início deste trabalho em que se é resgatado a ideia de mediação por Vygotsky, a relação do homem com o mundo e com os seus iguais proporciona o desenvolvimento e a construção do conhecimento. Por meio da explanação, esse fenômeno pode ocorrer por diversas figuras, como: o gestor; o docente; o funcionário e o bibliotecário; a família; e até a própria criança.

A família, de fato, é a primeira mediadora da educação para seus pequenos, porém, há a possibilidade de essas crianças mediar a leitura e as outras funções da biblioteca escolar aos seus pais/responsáveis.

Sendo assim, por meio de atividades como: empréstimo de livros, hora do conto, homenagem a autores, feira do livro, troca de livro, clube da leitura, entre outras, assim como a inserção da diversidade literária, a valorização da cultura local, o trabalho com os temas folclóricos, entre outras aberturas culturais, é possível educar e formar os alunos, os pedagogos da escola e a comunidade. Para tanto, é preciso que haja a mediação entre o bibliotecário e os usuários desse espaço, cujo assunto foi debatido com muita ênfase pelos autores analisados.

Foi possível conhecer a mediação além daquela literária, como por exemplo, a cultural e a informatizada. Como já mencionado neste trabalho, não se tem o intuito de equiparar a biblioteca escolar com as demais existentes, porém, foi possível compreender que esse espaço não medeia apenas a leitura, mas tem a possibilidade de mediar outros aspectos inerentes ao homem.

Com isso, mesmo o trabalho tendo como ênfase a mediação de leitura, como conclusão pode-se afirmar que a biblioteca escolar amplia muitas outras mediações e que seria possível mencionar apenas o termo mediação, deixando cada biblioteca mostrar quais funções são capazes de mediar.

Ao tratar de mediação, por meio dos trabalhos analisados foi possível constatar que a profissionalização do bibliotecário é algo desafiador tanto na sua formação inicial, como relacionado a questão política e administrativa.

Com base nos estudos de autores que tem sua primeira formação na Biblioteconomia, foi possível compreender que não há um trabalho completo sobre todas as mediações que o bibliotecário pode oferecer, principalmente a de leitura, muito presente nas escolas, em que esses profissionais em sua maioria não saberiam trabalhar com excelência de qualidade pela falta de discussões pedagógicas no curso.

Dessa forma, é preciso que esses estudos cheguem até as Universidades e que as matrizes curriculares sejam reavaliadas, pois, com a inserção da realidade, é notório que faltam estudos que possibilitem esse profissional atuar em qualquer modalidade de biblioteca e que possa mediar de uma criança até um adulto, compreendendo a importância desse espaço para cada sujeito.

Além da questão acadêmica, desde a inserção da biblioteca na sociedade como um local de estudo, leitura e educação, a profissão do bibliotecário não

passa por um aperfeiçoamento e uma valorização em que possa atuar de maneira plena nos seus espaços.

Com isso, vislumbramos bibliotecas sendo administradas por funcionários com o Ensino Fundamental Completo, além da maior problematização das escolas públicas que contam com professores e profissionais no fim de suas carreiras ou com alguma comorbidade, tentando atuar em um espaço muitas vezes inédito para eles, sem uma formação adequada que os auxilie na sua função.

Sendo assim, é possível afirmar que não é apenas a biblioteca escolar que sofre com a precarização de um profissional, mas como todas sofrem com a falta de políticas públicas que regularizem essa profissão, valorizando o espaço e dando a ele um sujeito que está apto para função.

Todavia, lembrando as problematizações acadêmicas, não basta apenas ter um diploma para ser um bom mediador em uma biblioteca escolar. Como vislumbrado neste trabalho, em uma biblioteca um funcionário sem formação superior, mediava com excelência, comparado aos demais colegas que mesmo formados em Biblioteconomia, Letras, Pedagogia, entre outros cursos da área da educação, não atuavam com a mesma eficiência.

Foi possível compreender que para mediar precisa primeiramente ter a vontade e o querer de exercer essa função, ou seja, a consciência da importância do papel e do gosto por se formar, se atualizar, de criar atividades no espaço, de entrar em contato com o professor em busca de parceria de ensino, entre outras ações que se não estiver no íntimo do mediador, diploma algum o ajudará. Com isso, é preciso recordar o ensinamento de que é preciso ser leitor para poder mediar a leitura ao outro, ou seja, o mediador só proporcionará a formação de leitor se passou por esse processo de construção do saber.

Para se conectar a essa função é preciso a desconstrução do senso comum, de que a biblioteca é um local de silêncio e os livros um material inalcançável, e que principalmente a do âmbito escolar precisa da dinamicidade e da ludicidade que se encontra na infância, buscando assim, a formação de um leitor ativo e crítico, assim como, de um sujeito que ao sair da escola terá o prazer e a continuidade de permanecer frequentando as demais bibliotecas disponíveis (municipais, universitárias, entre outras).

Como foi discutido e realizado por alguns dos pesquisadores citados, fica nítida a necessidade de uma formação continuada, pois, havendo ou não essa discussão nas Universidades, é necessário a continuidade desse assunto, visto que a biblioteca escolar é um ambiente de muitas possibilidades de ensino e o profissional precisa estar sempre preparado e atualizado com as possibilidades que pode oferecer.

Além de proporcionar a formação de um mediador, esse estudo continuado tem o caráter de reviver aqueles profissionais que estavam esquecidos junto com os livros na biblioteca, mostrando que não existe idade ou condições físicas que impedem uma boa mediação, mas sim, a alienação, o senso comum, a ignorância, a desvalorização, entre outras ações degenerativas que ocasionam a baixa autoestima de muitos profissionais desse espaço.

Na metodologia desta monografia, buscou-se encontrar quantos e quais teses e dissertações elaborados pela Universidade Júlio de Mesquita Filho – UNESP por meio da plataforma C@tedra discutem a biblioteca escolar e a mediação de leitura.

Foram utilizados 6 (seis) descritores diferentes, todos voltados para o tema, com estratégias de pesquisas diferentes e após analisar o título e o resumo de cada trabalho, foram separados 7 (sete) pesquisas para serem analisadas.

Ressaltando que 5 (cinco) trabalhos não tratavam diretamente dos objetos alvos dessa pesquisa, ficando apenas 2 (dois) trabalhos incumbidos de discutir de maneira direta a biblioteca escolar e a mediação de leitura. Fato que não prejudicou as análises, as discussões e as compreensões obtidas na pesquisa, muito pelo contrário, agregou outros elementos interessantes aos temas, porém, não deixa de ser preocupante o pequeno número de trabalhos encontrados com assuntos que são tão importantes para a educação e para a formação do aluno.

É possível que, ao analisar o título e o resumo, por não constar de forma evidente, algum trabalho que poderia ser interessante para essa discussão não tenha sido acrescentado. Todavia, mesmo com o cuidado de escolher os trabalhos que alcançassem o objetivo dessa pesquisa, é notório a pouca quantidade de discussões sobre um assunto tão relevante para a educação.

Obviamente que o recorte de pesquisa foi feito em apenas uma plataforma, fato que delimita muitos outros trabalhos de inúmeras Universidades e Faculdades espalhadas pelo país, contudo, ainda assim, é possível constatar

que em uma ótica quantitativa são poucos os trabalhos que discutem a biblioteca escolar e sua mediação, fato preocupante, visto que se trata de um recurso essencial para a instituição educacional e de um fenômeno que todo educador exerce ao ensinar e educar.

É possível equiparar essa quantidade de trabalhos à problematização da falta de discussão do assunto nas grades curriculares principalmente dos cursos da área de Educação, como por exemplo, Biblioteconomia, Pedagogia e Letras, em que se não é discutido e provocado esse assunto nas salas de aula, logo, isso não irá para as pesquisas, ocasionando nas poucas discussões nas formações continuadas e até frente ao Estado que ao ver poucos lutando pelo espaço, entende que pode continuar desvalorizando o local e seus profissionais.

Coloco minha experiência como exemplo, que adentrei nesse tema desde o início da minha formação, por meio de uma aula optativa do curso de Pedagogia, visto que em nenhum outro momento esse espaço foi discutido na graduação, sendo assim, pude dar continuidade ao assunto, mas muitos outros desconhecem tanto a sua importância como sua luta por sobrevivência.

Com isso, novamente julga-se necessário a implantação dessas discussões nas grades curriculares, a tal ponto que incomode muitos outros alunos, possibilitando pesquisas e buscas por fomento ao espaço, a leitura, a cultura, a arte, a diversidade, e muitos outros aspectos de formação a todos os cidadãos.

Dessa forma, é preciso agradecer as contribuições de:

- Silva (2006) que mostrou a importância da formação continuada e a eficácia por meio de sua prática, demonstrando que é necessário a continuidade do estudo e é possível a construção do saber por meio dos profissionais do espaço;
- Perin (2009) que trouxe a realidade das bibliotecas escolares de Presidente Prudente e quais as ações que as funcionárias desse espaço estavam exercendo, denotando a necessidade de uma formação continuada para auxiliar a ação de muitas e que é possível mesmo com tantas dificuldades (até física) mediar de maneira eficaz os seus alunos;
- Bortolin (2010) que com sua escrita em forma de poesia, enfatizou a importância da oralidade, resgatando nossas origens, nosso primeiro meio de

comunicação, que não precisa exatamente mediar a fala, mas sim, os sentimentos e toda a subjetividade que a literatura pode nos oferecer;

- Bataus (2013) que apresentou a realidade dos professores tanto atuantes na biblioteca escolar como nas salas de aula que não conhecem o potencial que carregam em si no que se trata da mediação. Mostrando a necessidade da formação continuada, porém, o perigo dessa formação não ser realizada da maneira correta, podendo se tornar um veneno do que um remédio para a educação;

- Rasteli (2013) que trouxe a realidade de mais de 50 (cinquenta) cidades da Região Administrativa de Marília, no que se refere a biblioteca e os profissionais que nela atua. Mostrando a precarização da profissionalização do bibliotecário, mas também, a atitude daqueles que acreditam em sua função e atuam de maneira eficaz mesmo não obtendo toda a formação necessária para sua profissão;

- Gonzaga (2017) que comprovou a importância da biblioteca escolar por meio do Projeto Político Pedagógico, demonstrando que esse espaço precisa constar na diretriz referente a sua estrutura, ao seu profissional, mas principalmente as ações que serão realizadas para a formação do aluno, assim como, quais os fomentos que a escola pode trazer para a mesma. Apresentou a amplitude de funções que uma biblioteca escolar pode oferecer, incluindo a inserção da era digital e a informação a dispor de todos que frequentam o espaço, sendo assim, não se configurando apenas em um local de leitura, como também de estudo. E trouxe a reflexão de como é importante a gestão democrática com a participação de todos do âmbito escolar na discussão desse espaço, pois, abre a porta do ambiente para a comunidade adentrar e desfrutar dos benefícios do local;

- Por fim, Rasteli (2019) novamente, pois recorreu de maneira crítica e necessária ao histórico da biblioteca no âmbito político e à problematização de desde sempre esse espaço, a educação e a cultura tenham sido dominadas pela elite, excluindo a classe trabalhadora, as comunidades, o povo, que é a base de nossa nação, e por isso, a importância desses sujeitos terem o direito a formação de um ser íntegro na sociedade. Com isso, é dado à biblioteca a função de oferecer essa educação a todos que queiram se libertar da alienação, da ignorância e da falta do saber.

Estima-se que o diálogo desta pesquisadora com todos esses renomados autores tenha colaborado para a conscientização e a construção do conhecimento de que a biblioteca escolar não é apenas uma segunda sala de aula, mas que se configura um espaço libertador, onde a educação é oferecida a todos, possibilitando não só um leitor ativo e crítico, mas também um sujeito íntegro na sociedade.

Considera-se a mediação, não é apenas de leitura, mas é uma mediação humanizadora, que possibilita formar aquele que está atuando na biblioteca escolar, mas principalmente dividir com o outro o prazer da leitura, da contação de história, da cultura, da arte, da diversidade e de todas os demais aspectos inerentes ao homem.

Sendo assim, a biblioteca escolar é aquela que liberta o sujeito e o mediador é aquele capaz de ajudar a colocar suas asas.

REFERÊNCIAS

- BADOE, Adwoa; DIAKITÊ, Baba Waguê. **Histórias de Ananse**. Tradução Marcelo Pen. São Paulo: Edições SM: Cantos do Mundo, 2011
- BATAUS, Vanessa. **Leitura, literatura infantil e estratégias de leitura no contexto escolar: concepções e práticas**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista de Marília, 2013.
- BATISTA, Josany Leme da Silva. **Organização e funcionamento do programa sala de leitura nas escolas da diretoria de ensino de Presidente Prudente**. 2015. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Ciência e Tecnologia, Unesp, Campus de Presidente Prudente, São Paulo, 2015.
- BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando**. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista de Marília, 2010.
- BORTOLIN, Sueli; GOMES, Luciano Ferreira. Biblioteca Escolar e a Mediação da Leitura. In: BORTOLIN, Sueli; GOMES, Luciano Ferreira. **Escolas de Ensino Fundamental Particulares de Londrina e as Atividades de Promoção à Leitura**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina-PR, 2011. p. 157-170.
- BRASIL. Lei nº 12244, de 24 de janeiro de 2010. **Dispõe Sobre A Universalização das Bibliotecas nas Instituições de Ensino do País**, Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em: 02 jan. 2021.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, São Paulo, 2012. DOI: 10.20396/remate.v0i0.8635992. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992> . Acesso em: 28 dez. 2021.
- FREIRE, Paulo. A concepção «bancária» da educação como instrumento da opressão. In: **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. Prática docente: primeira reflexão. In: **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GONZAGA, Amarildo Menezes. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: PIMENTA, Selma Garrido;

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro (orgs). **Pesquisa em educação**: Alternativas investigativas com objetos complexos. São Paulo: Edições Loyola, 2006. p. 65-92.

GONZAGA, Maria Marismene. **Biblioteca escolar e projeto político-pedagógico**: um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, 2017.

Guia de profissões. In: Unesp. Disponível em: <https://www2.unesp.br/portal#!/guiadeprofissoes/>. Acesso em: 06 jan. 2021.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Censo Escolar**, 2019. Brasília: MEC, 2020. Januzzi, Paulo.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. **O lugar das práticas pedagógicas na formação inicial de professores**. São Paulo: Editora UNESP: Cultura Acadêmica, 2011.

LOPES, Leonardo Montes. **Bibliotecas escolares de Rio Verde-GO**: Uma possível política municipal de leitura. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, Unesp, Campus de Presidente Prudente, São Paulo, 2014.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NOBUKUNI, Aline Regina Migose. **As implicações das teorias de Vygotsky na educação**: A mediação no processo do desenvolvimento infantil. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, Araraquara, 2017.

PERIN, Denise Alexandre. **Mediadores e espaços de leitura**: a prática em escolas municipais de Presidente Prudente. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente, 2009.

RASTELI, Alessandro. **Mediação cultural em bibliotecas**: contribuições conceituais. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista de Marília, 2019.

RASTELI, Alessandro. **Mediação da leitura em bibliotecas públicas**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista de Marília, 2013.

ROLLA, Angela da Rocha. O jogo do texto: quem são os leitores? In: CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias (org). **Leitura e literatura infanto-juvenil**: Memória de Gramado. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004. p. 114-133.

SÃO PAULO. Resolução SE 76, de 28-12-2017. Dispõe sobre a instalação de Salas e Ambientes de Leitura nas escolas da rede pública estadual. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**: seção 1, São Paulo, SP, volume 127, n. 242, p.26, 29 dez.2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (org). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: O mediador em formação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipal de Londrina**: Formação e atuação. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista de Marília, 2006.

SILVA, Sarah Gracielle Teixeira. **Estrutura física e ações de mediação de leitura em uma biblioteca de uma escola municipal de Presidente Prudente**. Relatório de pesquisa de Iniciação Científica, PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), 2019.

UNESCO. **Manifesto da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO**. 1999.